



41.º FESTIVAL de almada

Organização

Câmara Municipal de Almada

Companhia de Teatro de Almada

4 a 18 de Julho

Índice

- 04 O Teatro é uma Revolução · Inês de Medeiros
- 05 Duas tábuas e uma paixão · Rodrigo Francisco
- 07 A Barraca nos 50 anos do 25 de Abril · Maria Emília Brederode Santos

ESPECTÁCULOS

- 11 Terminal (O Estado do Mundo)
- 13 Além da dor
- 15 Fonte da raiva
- 17 Jogging
- 19 1001 Noites – Irmã Palestina
- 21 La tempesta
- 23 Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo
- 25 Et maintenant, Miss Knife est en couple...
- 27 Sans tambour
- 29 Black Lights
- 31 Remédio
- 33 Full Moon

34 PLANILHA

- 37 Relative Calm
- 39 Crisi di nervi, tre atti unici di Anton Cechov
- 41 Entrelinhas
- 43 Manuela Rey Is In Da House
- 45 LIFE Event No. 3
- 47 Mãe Coragem
- 49 Où je vais la nuit

50 MÚSICA NA ESPLANADA

ACTOS COMPLEMENTARES

- 56 Curso de formação *O sentido dos Mestres*
Ler muito, ver espectáculos, viver mais · Com Rui Cardoso Martins
- 57 Encontros da Cerca
Criação, ideologia, identidade
- 58 Colóquios na Esplanada
- 59 Exposição documental
Liberdade! Liberdade! A Revolução no Teatro
- 60 Exposição de pintura
Quando soubermos ouvir as árvores · De Ilda David
- 61 Instalação de homenagem
Um sonho de Federico García Lorca em Lisboa
- 62 Exposição documental
25 de Abril: Os dias, as pessoas e os símbolos

INFORMAÇÕES

- 66 Assinaturas · Bilhetes avulsos · Contactos e moradas

FICHA TÉCNICA PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA

TEXTOS: BERNARDO MARIANO
DESIGN GRÁFICO: JOÃO GASPAR
PAGINAÇÃO: NICOLE ALVES
IMAGEM DA CAPA: ILDA DAVID
APOIO À EDIÇÃO: MIGUEL MARTINS
PUBLICIDADE: SUSANA FERNANDES

IMPRESSÃO: LIDERGRAF
Distribuição gratuita

Os conteúdos publicados no presente dossiê são da responsabilidade exclusiva do Departamento Comercial da Impresa Publishing, sendo editorialmente autónomos dos cadernos principais do jornal *Expresso*.

O Teatro é uma Revolução

“Há momentos na vida em que a questão de saber se podemos pensar diferente do que pensamos e perceber de forma diferente o que vemos é fundamental para continuar a olhar e a pensar”.

Michel Foucault

Estas palavras de Foucault poderiam resumir as premissas de qualquer revolução. As revoluções acontecem para que uma sociedade, uma comunidade, não morra por perder os seus sentidos e as suas capacidades vitais. Foi o que aconteceu há 50 anos em Portugal graças à madrugadora marcha dos nossos corajosos e jovens capitães, e as multidões que encheram as ruas de alegria e cor são bem o símbolo do regresso à vida de um povo que estava moribundo pela lógica sórdida e mesquinha de um regime intrinsecamente corrupto e violento. Foi há 50 anos. O povo saiu à rua. Os cravos vermelhos surgiram na ponta das espingardas. E tudo mudou! Festejar o 25 de abril é celebrar a vida.

Os meses e anos que se seguiram a abril foram efervescentes e inebriantes. Em abril de 1975, o Grupo de Campolide, pela mão de Joaquim Benite, levou à cena *Fulgor e morte de Joaquim Murieta*, a primeira e única peça de teatro escrita por Pablo Neruda. A história trágica deste imigrante chileno, eternizada como exemplo de resistência perante a injustiça, era um símbolo de um novo teatro que abril inaugurara.

A revolução era teatro! Entrou pelo palco, irrompendo pelos bastidores, sacudindo a plateia, abrindo portas, consciências e corações. Um teatro emancipado, que livre das amarras da censura e da PIDE se tornou livre para explorar a totalidade da experiência humana em palco. “A cultura é a liberdade do povo”, dizia um cartaz do Programa de Dinamização Cultural do M.F.A.. O teatro é a arte da vida por excelência, para nos fazer ver de forma diferente, nos fazer pensar e sentir de forma diferente.

Mas até por isso cada experiência teatral é uma pequena revolução em si mesma. É este compromisso que a Companhia de Teatro de Almada, herdeira do Grupo de Campolide (que em várias campanhas de dinamização cultural participou), 40 anos depois, nos volta a convidar, no dia 4 de julho, para mais um Festival de Teatro de Almada.

Somos muitos (tantos!) a esperar ansiosamente, todos os anos, por este momento, onde escolhemos “habitar livremente a substância do tempo”, como tão bem descrevia Sophia, pôr em causa as nossas certezas e ver de forma diferente o que pensávamos já ter visto. Esta é a magia todos os anos deste Festival único em Portugal. Contudo, não podemos omitir o contexto muito particular e desafiante em que decorre a edição deste ano. Num Portugal onde celebramos os 50 anos de abril, onde comemoramos a “sorte que tivemos”, mas onde somos confrontados com o brutal ressuscitar de forças políticas que, à semelhança do velho abutre, anseiam pela podridão com discursos que “têm o dom de tornar as almas mais pequenas”, citando mais uma vez Sophia de Mello Breyner.

Também não podemos ignorar a tragédia humanitária em Gaza ou a guerra sem fim à vista na Ucrânia. As ameaças climáticas e a fragilidade do projeto europeu. Mas sobretudo o ataque sistemático ao nosso estado social e sistema de valores e princípios que permitiram um período sem precedentes na nossa história comum de paz e progresso. Assim como não podemos ignorar a desesperança que se está a apoderar dos nossos jovens. Eles que têm enviado tantos apelos para que saibamos “pensar diferente do que pensamos e perceber de forma diferente o que vemos”.

À CTA e ao Rodrigo Francisco coube o desafio de programar um Festival que contrarie o que há poucas semanas Tiago Rodrigues descrevia como “a fadiga da empatia”, que através da poética da palavra e do movimento em palco nos permita sair de nós mesmos e habitarmos outros, de nos re-humanizarmos e assim continuarmos a honrar esta sorte que tivemos. Desafio esse que confiamos estar nas mãos certas.

Inês de Medeiros

Presidente da Câmara Municipal de Almada

Duas tábuas e uma paixão

Dos vários ofícios criativos, o teatro é daqueles cuja definição mais nos escapa. Ao longo dos mais de 2.500 anos que já dura este virtuosismo de ser capaz de viver vidas alheias num palco, à vista doutrem, o teatro tem-se impregnado das restantes disciplinas artísticas, “tomando sempre novas qualidades”. Consoante as épocas e os contextos, o teatro ora se aproxima, ora se afasta, da literatura, da música, da dança, da pintura. Apenas recalitra quando se lembram de privá-lo da sua componente ritualística. Aí o teatro escoiceia, fenece, eclipsa-se. O teatro não cabe dentro dos écrans, não se envia por mensagem nem por correio electrónico, nem se transmite em directo para onde quer que seja. O teatro é outra loiça: precisa da energia gerada entre quem faz e quem assiste, por vezes à distância de um braço. Diz-se que Molière costumava, meio a brincar, resumir-lo em “duas tábuas e uma paixão”. Na verdade, nós — os que com ele lidamos todos os dias, e que sabemos tão bem o que ele nos faz e o que por vezes faz ao público que nos vem ver —, nós embatucamos sempre que nos perguntam o que o teatro é.

Vivemos numa época na qual a monomania da compartimentação — nas várias dimensões da vida humana, a Arte incluída — atingiu o paroxismo. Ora, pelo conjunto de espectáculos que este ano propomos perpassa, de alguma forma, uma oposição a essa prática. Festivais como o nosso não procuram agrupar disciplinas, espectadores ou artistas em compartimentos estanques, que não dialoguem entre si. Festivais como o nosso, de matriz humanista, alimentam-se da curiosidade suscitada pela diferença. Na verdade, quem assistir às peças desta edição não vai de todo obter, ao fim de duas semanas, uma definição daquilo que o teatro é. Mas ter-se-á sem dúvida aproximado daquilo que ele pode ser, se for fruto da insondável pulsão criativa e do gosto de estar com os outros. Esse alguém terá aflorado os universos daqueles que mais se têm destacado nos seus mesteres.

Peter Stein e Robert Wilson — para dar o exemplo de dois nomes cujo valor do contributo para esta nossa arte é consensual — situam-se em campos estéticos distintos. O primeiro concretizou o seu percurso assente nos textos, perscrutando os clássicos e tornando-os límpidos aos nossos olhos; o segundo é um verdadeiro prestidigitador da imagem, equiparando nas suas criações os signos da forma e da música aos das palavras. Dificilmente conheceremos em profundidade o melhor teatro que hoje se faz se não tivermos em conta aquilo que estes dois criadores fizeram nas cinco últimas décadas.

Por esse motivo, a estes mais palpitantes quinze dias do ano, no que aos palcos diz respeito, trazemos a poesia e as artes plásticas. E também as marionetas, a dança, a música, o malabarismo e o *cabaret*. Sugerimos o gosto do pensamento e do encontro — dos artistas com o público, do público com o público, dos artistas com os artistas. Porque compartimentar o teatro é torná-lo logo mais utilitário e mais pobre. Mais consumível. No fundo, todos sabemos que abandonar-nos ao deleite deste ritual é bem mais prazeroso do que afadigar-nos na sua definição — sobretudo quando os criadores e os intérpretes que nos visitam são dos que mais se destacam nas suas distintas formas de praticá-lo. Ou, citando Camões de novo (que também foi dramaturgo, e há 500 anos terá nascido): “Melhor é experimentar-lo que julgá-lo / Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo”.

Rodrigo Francisco

Director Artístico do Festival de Almada

A Barraca nos 50 anos do 25 de Abril

Neste ano em que se celebram os 50 anos do nosso 'dia dos prodígios', a Barraca é homenageada pelo Festival de Almada. Bela, justa, solidária e calorosa escolha! Nascida oficialmente a 4 de Março de 1976, na sala da Academia Almadense, esta companhia não é só "filha legítima do 25 de Abril" (Céu Guerra *dixit*) como representante diletta e apaixonada do 'espírito de Abril' e sua militante defensora. Começemos pelo nome: "A Barraca é uma coisa que se monta e se desmonta, que roda e marcha pelos caminhos do mundo" (García Lorca). Para além desta sugestão de simplicidade e mobilidade, de transparência, transformação permanente e abertura ao mundo, está também a inspiração de Lorca, a sua militância, o seu lirismo e a vontade de o recordar como que para compensar as perseguições e injustiças de que foi vítima. A Barraca, como a nossa democracia, foi-se construindo ao longo deste quase meio século de vida. Como ela, foi avançando, foi sendo objeto de louvores, aplausos e ataques. Como a democracia, só tem, para se defender, a sua resistência e a sua obra. Como a democracia, é frágil e resistente. Como a democracia, procura conjugar liberdade, igualdade e fraternidade. A Céu conta que na raiz do seu sonho de fundar uma companhia de teatro independente estava a vontade de ser parte de um grupo sem grandes hierarquias nem demasiadas especializações, em que todos participassem na construção dos espetáculos e acrescentassem algo de seu ao todo de todos. A Barraca é hoje uma cooperativa de profissionais do teatro.

Um segundo objetivo tornou-se lema d'A Barraca: "Ser culto sem ser elitista, ser popular sem ser populista" (Helder Costa). Para isso, como a democracia, A Barraca tem estado aberta ao mundo, aos outros, às diferentes correntes, dentro duma militância comum e permanente. Alimentou-se do Teatro Universitário, cresceu com o Teatro Independente, apaixonou-se pelo Teatro do Oprimido, que estudou com Augusto Boal, fundiu-se com Helder Costa e dele recebeu o gosto por desmontar a História de Portugal, desmascarando crimes da ditadura. Mas, claro, "a coisa mais aborrecida do mundo é passar a vida a fazer a mesma coisa, a fotocopiar o que já se fez", e por isso A Barraca recebeu as influências estimulantes de "algumas formas do teatro latino-americano, Brecht, a conceção do espaço vazio de Peter Brook, o radicalismo de Dario Fo, a elaboração minuciosa e sem preconceitos de Els Joglars...". A linha do teatro vicentino foi aprofundada juntamente com outros autores de comédia, de Molière a Ionesco ou Woody Allen... A Gil Vicente e outros grandes nomes do teatro nacional, A Barraca acrescentou Fernando Pessoa e os seus heterónimos, tendo também recentemente levado à cena *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago.

A Barraca defende a cultura, mas não só o seu usufruto. Também a sua criação, recriação e valorização. Defende a educação e o papel do teatro numa educação que não seja só de conhecer e encher, mas também de sentir, pensar e fazer. Por isso faz itinerância pelo país e pelas escolas de Portugal. Por isso procura modos de envolver a sociedade civil, sendo o mais conhecido e animado os Encontros Imaginários. Esta companhia já foi apresentada, reconhecida e premiada internacionalmente, criando espetáculos de grande participação coletiva, concursos de dramaturgia, e festivais de teatro escolar, numa ação de educação permanente e de cidadania cultural. Como a democracia, A Barraca defende os Direitos Humanos, o seu respeito, a sua defesa, a sua responsabilidade. Defende e exerce o compromisso social para com a sociedade e o mundo. Como a democracia, A Barraca tem de ser defendida dos que a ameaçam.

Maria Emília Brederode Santos



Foto tirada em 1977/78, durante os ensaios de *Ao que isto chegou*, com direcção de Augusto Boal e textos de 19 dramaturgos portugueses. O espectáculo estreou na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Fila de cima da esquerda para a direita: Paulo Graça, João Maria Pinto, Júlio Pereira, Santos Manuel, Helder Costa, Manuel Marcelino e António Cara d'Anjo

Fila de baixo da esquerda para a direita: Paula Só, Maria do Céu Guerra, Mário Viegas, Luís Lello, João Soromenho e Paula Guedes



espectáculos



© RUI AGUIAR

Formiga Atómica (Lisboa)

Co-produção: Cine-Teatro São Pedro, Lavrar o Mar, RTP, Teatro Municipal de Ourém, Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional S. João, Teatro Virgínia, Teatro Viriato, ACERT, Théâtre du Point du Jour, e Festival d'Avignon

Terminal (O Estado do Mundo)

Texto de **Inês Barahona**

Encenação de **Miguel Fragata**

Interpretação

Anabela Almeida
Carla Galvão
Miguel Fragata
Vasco Barroso
e os músicos dos Clã
Manuela Azevedo
e Hélder Gonçalves

Cenografia

Eric da Costa

Figurinos

José António Tenente

Música

Hélder Gonçalves

Desenho de luz

Rui Monteiro

Desenho de som

Nelson Carvalho

—

Língua

Português

Duração

1h30

Classificação

M/14

Ao longo de *Terminal*, observamos, ouvimos cinco personagens cujas vidas confluíram naquele lugar onde tantos destinos se fecham, e onde muitos outros se abrem. O espaço confinado (mas aberto) serve de metáfora a esta reflexão sobre o planeta que habitamos e a relação que mantemos com ele: na iminência de um ponto de não-retorno climático que poderá levar à extinção da nossa espécie, as histórias contadas pelas personagens revelam-se outras tantas portas entreabertas para um novo destino – uma nova *chance* – para a Humanidade, assente sobre outros pressupostos. Na convicção de que o teatro mantém ainda o poder de despertar, de interpelar e de esperar de nós a mesma generosidade com que ele se dá diante de nós. *Terminal* foi precedido de um aturado trabalho de campo, que cobriu o território continental e os Açores, mais dois locais em França, conducente a um levantamento das preocupações centrais da peça. Conclui um díptico iniciado em 2021, com *O Estado do Mundo (Quando Acordas)*, que já teve mais de 120 apresentações em Portugal, França e Espanha. Do Festival de Almada, *Terminal* vai para o de Avignon.

A celebrar o seu 10.º aniversário, a **Formiga Atómica** foi fundada por **Miguel Fragata** (Porto, 1983) e **Inês Barahona** (Lisboa, 1977), tendo desde então esta dupla criado nove espectáculos (este incluído), sendo que três deles já têm versão francesa, dois versão em castelhano e um, versão alemã – com destaque para *A caminhada dos elefantes* (2013: espectáculo de estreia da companhia), já traduzido nessas três línguas.

^{EN} A bus terminal, five main characters and their stories. Stories that echo their concerns, and those of so many among us, with the state of our planet. *Terminal (The State of the World)*, which premiered last April, concludes a dyptic centered on environmental issues, started in 2021 with *The State of the World (On Your Awakening)*. Formiga Atómica was founded in 2013 by the creative team of Miguel Fragata and Inês Barahona and the two have so far staged nine shows which ran across Portugal and several other European countries.

ALMADA

Escola D. António da Costa
Palco Grande

QUI 4
22:00



© RUI CARLOS MATEUS

Além da dor

Texto de **Alexander Zeldin**

Encenação de **Rodrigo Francisco**

Interpretação

Binete Undonque
Djucu Dabó
Ivo Marçal
Maria Frade
Pedro Walter

Tradução

Margarida Vale de Gato

Cenografia

Céline Demars

Figurinos

Ana Paula Rocha

Luz

Guilherme Frazão

Sonoplastia

André Oliveira

—

Língua

Português

Duração

1h30

Classificação

M/16

A peça *Além da dor* (*Beyond Caring*, no original) consistiu na estreia como autor e, em simultâneo, a grande irrupção de Alexander Zeldin na cena teatral. A CTA realizou a estreia absoluta desta peça em Portugal, em Março de 2022, vencendo o prémio SPA para melhor espectáculo do ano. Sob o signo de um realismo social cru e amiúde brutal, observamos e escutamos quatro trabalhadores temporários de diferentes gerações: Susan, Grace, Becky e Phil; e Ian, o encarregado do turno da noite na fábrica de processamento de carnes onde eles fazem as limpezas. Num universo de relações humanas tão precárias e equívocas como as relações laborais, Zeldin descreve a cadência e a dureza dos trabalhos que estes empregados executam e o alívio (relativo) que traz cada pausa, momentos em que as relações interpessoais se vão tecendo, sempre fugazes, tímidas, frágeis. Logo que termina o turno, regressarão ao anonimato, par-dacento e inelutável.

Dramaturgo e encenador, **Alex Zeldin** (n. 1985) teve uma ascensão fulgurante na cena teatral britânica e europeia na última década. Após *Beyond Caring*, o seu repertório foi enriquecido com as peças *Love* (2016), *Faith, Love and Charity* (2019), *A Death in the Family* (2022, original francês) e *The Confessions* (2023). Foi Artista em Residência do National Theatre em 2017 e, apenas dois anos depois, tornou-se encenador associado dessa instituição. Em 2020, tornou-se Artista Associado do Théâtre National de l'Odéon (Paris) e, no ano seguinte, foi Artista Convidado do Festival de Viena.

^{EN} *Beyond Caring* was British playwright and director Alexander Zeldin (b. 1985) debut as an author, and it immediately made his name in Britain's theatrical scene. In it, Zeldin depicts, in a raw and often brutal realistic style, the interaction between four temporary workers, who are employed to do the graveyard shift at a meat processing plant, and their coordinator. Soon it becomes evident that bonding is just as fragile and ephemeral as their job(s) are... *Beyond Caring* premiered in 2014 at The Yard Theatre, in London.

ALMADA		SEX 5	SÁB 6	DOM 7	TER 9
		21:30	19:00	21:30	21:30
Teatro Municipal Joaquim Benite	QUI 11	SÁB 13	DOM 14	SEG 15	QUA 17
Sala Experimental	21:30	21:30	19:00	21:30	21:30



© EGEAC - TEATRO SÃO LUÍZ, ESTELLE VALENTE

Causas Comuns (Lisboa)

Co-produção: São Luiz Teatro Municipal, RTP

Fonte da raiva

Texto e encenação de **Cucha Carvalho**

Interpretação

Bruno Huca
Cucha Carvalho
Inês Rosado
Joana Campelo
Júlia Valente
Leonor Buescu
Luís Gaspar
Cristina Carvalhal

Cenografia

Ana Vaz
Pedro Jardim

Figurinos

Ana Vaz

Desenho de luz

Cristina Piedade

Direção musical

Madalena Palmeirim

—

Língua

Português

Duração

1h30

Classificação

M/12

Fazer de uma aldeia perdida da Beira Alta, no Portugal rural e atrasado de 1962, um microcosmo do mundo grande lá fora; sem perder de vista o que eram as mentalidades e vivências aldeãs dessa época; e sem deixar de aplicar a lupa analítica aos dramas individuais de cinco mulheres cujos quotidianos são marcados pela precariedade. Tudo isto perpassa do texto de Cucha Carvalho, no qual a actriz e encenadora revisita memórias dos Verões da sua infância na aldeia do seu pai, perto de Viseu, enquadrando tudo na visão interligada e panorâmica que a idade adulta permite. *Fonte da raiva* adapta de perto *Dancing at Lughnasa* (1990), premiada peça autobiográfica do dramaturgo irlandês Brian Friel (1929-2015). Sabendo-se da predilecção de Friel por Tchecov (de quem adaptou e/ou traduziu quatro peças), não deixa de ser interessante o paralelismo que é lícito estabelecer com os ambientes de *As três irmãs*; mas também com as cinco irmãs de *A casa de Bernarda Alba*, 'canto do cisne' de Lorca, escrita no mesmo ano (1936) em que Friel situou a acção da sua peça.

Com uma carreira de mais de quatro décadas enquanto actriz de teatro, de cinema e de televisão, **Cucha Carvalho** (n. 1948) já dirigiu peças de Éric-Emmanuel Schmitt, Ingmar Bergman, ou Lídia Jorge. É co-fundadora do Teatro do Mundo e da Escola de Mulheres – Oficina de Teatro, e foi directora do Teatro da Trindade entre 2009 e 2013.

^{EN} Drawing from memories of her own summers as a little girl in rural Portugal, author, director and actress Cucha Carvalho succeeds in *Fonte da raiva* in making a microcosm out of a little village in the northern Portuguese *hinterland*, during the late phase of Salazar's dictatorship. Through the lens of five women (all siblings), a world unfolds, marked by precariousness, backwardness and intolerance... Freely adapting Brian Friel's *Dancing at Lughnasa* (1990), *Fonte da raiva* premiered in 2023, in Lisbon.

ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

SEX 5
21:30

SÁB 6
19:00

Hanane Hajj Ali (Líbano)

Co-produção: Arab Funds for Arts and Culture

ESPECTÁCULO DE HONRA

Jogging

Texto, concepção e interpretação de **Hanane Hajj Ali**

Encenação de **Éric Deniaud**

Dramaturgia

Abdullah Alkafri

Luz

Sarmad Louis

Rayyan Nihawi

Som

Wael Kodeih

Figurinos

Kalabasha

Louloua Abdel-Baki

—

Língua

Árabe libanês e francês,
com legendas

Duração

1h30

Classificação

M/12

Todas as manhãs, bem cedo, uma mulher libanesa faz *jogging* pelas ruas de Beirute. Esta é a premissa de *Jogging*, peça-monólogo da libanesa Hanane Hajj Ali estreada em 2016, em Beirute, e que reinicia no Festival de Almada, depois de ter sido escolhida pelo público em Julho de 2023 para regressar este ano. Para esta mulher, o *jogging* matinal é terapia, sonho, devaneio, liberdade. E sobrevivência. Enquanto corre pelas ruas da sua cidade, tem oportunidade para reflectir sobre a condição feminina na sociedade em que se insere e sobre a corrupção intestina que compromete a viabilidade do país que é o seu, numa contínua troca (tal a contínua inspiração/expiração durante a corrida) entre o seu mundo interior e o mundo exterior. No decurso da corrida, Hanane, além de si própria, encarna a Medeia clássica (cujo sofrimento produz identificação, e catarse, tal como no teatro grego) e duas concidadãs suas, que são emanações modernas dessa personagem trágica: Yvonne e Zahra. Além de uma referência à morte e à nota de suicídio de Virginia Woolf. Tudo servido com uma linguagem directa e lúcida; e com humor, que é arma e é esperança.

Hanane Hajj Ali nasceu em 1958, em Baabda, cidade histórica, hoje contígua a Beirute. Autora, actriz de teatro (estudou-se em 1978) e cinema, e pedagoga, é desde sempre uma activista cultural e artista empenhada em expor e denunciar os tabus e os mecanismos que bloqueiam os direitos das mulheres nas sociedades árabes e/ou muçulmanas. Recebeu em 2020 o Prémio da Liga das Mulheres Profissionais de Teatro.

^{EN} *Jogging* is Lebanese author, actress and activist Hanane Hajj Ali's one-woman play. Premiered in Beirut, in 2016, it depicts, in an organized stream of consciousness-style, the thoughts, reflections and impressions of a Lebanese woman, while she jogs every morning through the streets of Beirut, laying bare, during those minutes of sensed freedom, her innermost feelings: those of a woman in the Arab world, a woman embedded in a patriarchal society, and a citizen of a country she perceives is a failed nation. So that all Arab women keep running.

ALMADA

Incrível Almadense
Salão de Festas

SEX 5
21:30

SÁB 6
18:00

DOM 7
15:00 • 21:30



© PAULO PIMENTA

Teatro O Bando (Palmela), **Companhia Olga Roriz** (Lisboa)
e **Banda Sinfónica Portuguesa** (Porto)

Co-produção: Coliseu do Porto - FITEI, São Luiz Teatro Municipal/EGEAC · Parceria: Stereo48 Dance Company

1001 Noites – Irmã Palestina

Texto *As mil e uma noites*, tradução de **Hugo Maia**

Direção artística de **Olga Roriz** e **João Brites**

Interpretação

António Bollaño
Fabian Bravo
Maria Dally
Maria Fonseca
Marta Lobato Faria
Nicolas Brites
Rita Brito
Yonel Serrano

Dramaturgia e cenografia

João Brites

Apoio à cenografia

Rui Francisco

Música

Jorge Salgueiro
Fábio Marques

Direção musical

Francisco Ferreira

Figurinos

Clara Bento

Desenho de luz

Rui Monteiro

Desenho de som

Sérgio Milhano
(Ponto Zurca)

—

Língua

Português

Duração

1h30

Classificação

M/12

Ao comemorar 50 anos de existência (e de resistência, como sublinham os próprios), o Teatro O Bando decidiu embarcar numa aventura em quatro etapas, tendo por base as histórias recolhidas no grande clássico da literatura de língua árabe. O primeiro capítulo chamou-se *Irmã Persa*, teve a participação de uma actriz e bailarina iraniana e estreou em Novembro de 2023, na sede da companhia, perto de Palmela. Surge agora *Irmã Palestina*, desta vez integrando uma bailarina palestiniana no elenco, vinda da Stereo48 Dance Company (sediada em Nablus, na Cisjordânia) e que será Doniizada, a irmã de Xerazade. Renovando uma cumplicidade artística que remonta à década de 90, João Brites e Olga Roriz entrelaçam aqui teatro e dança (servidos por uma orquestra ao vivo), na procura de uma meta-linguagem, de uma expressão artística sincrética. Desvelando as “verdades que se escondem nas ficções e as ilusões que enevoam a realidade”, a sobrevivência está (quicá mais que nunca) na imaginação, na efabulação, na criatividade.

Encenador, dramaturgista, cenógrafo e artista plástico, **João Brites** (n. 1947) foi o fundador, em 1974, do Teatro O Bando. Foi director da Unidade de Espectáculos da Expo'98 e professor na Escola Superior de Teatro e Cinema. **Olga Roriz** (n. 1955) integrou o Ballet Gulbenkian (1976-92), onde se iniciou como coreógrafa. Dirigiu a Companhia de Dança de Lisboa (1992-94), vindo a criar, em 1995, a sua própria companhia. Dos muitos prémios e distinções que recebeu, o mais recente é o Prémio Femina 2023.

EN For its 50th anniversary season, Teatro O Bando company ventured into a multiyear multidisciplinary project – a tetralogy –, based not on Nordic sagas, like Wagner's, but on Arabian tales: the *One Thousand and One Nights*. The project's second instalment, *Sister Palestine*, sees O Bando sharing the stage with Olga Roriz Dance Company. A feature of the project is to always include a dancer-actor from that 'geography': here, a Palestinian female dancer features as Dunyazad, Scheherazade's beloved sister and “accomplice”.

ALMADA

Escola D. António da Costa
Palco Grande

SÁB 6
22:00



© ARCHIVO GRUPPORIANI

Compagnia Marionettistica Carlo Colla & Figli (Itália)

Apoio: Instituto Italiano de Cultura

La tempesta

A tempestade

Texto de **William Shakespeare**, na versão traduzida por **Eduardo de Filippo**

Encenação de **Eugenio Monti Colla**

Marionetistas

Franco Citterio
Maria Grazia Citterio
Piero Corbella
Camillo Cosulich
Debora Coviello
Carlo Decio
Cecilia Di Marco
Tiziano Marcollegio
Michela Mantegazza
Pietro Monti
Giovanni Schiavolin
Paolo Sette

Vozes-off

Eduardo De Filippo

Voz-off de Miranda

Imma Piro

Baladas de Ariel

Antonio Murro

Cenário

Maurizio Dotti
Franco Citterio

Figurinos

Eugenio Monti Colla
Maurizio Dotti

Música

Antonio Sinagra

Língua

Napolitano, com legendas

Duração

1h50

Classificação

M/12

La tempesta é a produção que usa a histórica tradução da última peça de Shakespeare para língua napolitana do séc. XVII, realizada em 1983 (ed. 1984/Einaudi) pelo grande homem do teatro e cinema italianos Eduardo De Filippo (1900-84) — e também a sua derradeira criação. Desde início pensada para ser feita com fantoches, tal viria a ser concretizado a 4/10/1985, menos de um ano após a sua morte, com a estreia, no Teatro Goldoni (Veneza), a abrir o 33.º Festival Internacional de Teatro (parte da Bienal). Esta criação da Compagnia Carlo Colla contou com o decisivo contributo de Eugenio Monti Colla (1939-2017) na confecção das enormes marionetas-esculturas (cerca de 150, no total, algumas com mais de 1m de altura) e nos figurinos e encenação. É essa produção, várias vezes reposta desde então, que agora visita Almada. O que mais faz esta produção mítica é o facto de contar com a voz de Eduardo De Filippo 'falando' todas as personagens, excepto Miranda e Ariel — ele que as gravou no seu último ano de vida! Quanto ao resto: sejam bem-vindos a um mundo de cores, sons, alegorias, magia teatral e efeitos cénicos, habitado por criaturas humanas e sobrenaturais. Na certeza de que, no fim, triunfará o amor de Miranda e de Ferdinando!

A **Compagnia Carlo Colla & Figli** foi criada como companhia itinerante de teatro de fantoches em 1835, mas desde 1906 que o seu centro de actividade é Milão. O seu valioso arquivo conta com mais de 600 manuscritos, contendo os guiões de todo o seu repertório histórico. Franco Citterio é o seu actual director.

^{EN} In October 1985, the Venice Biennale premiered Shakespeare's *The Tempest* as puppet theatre, by the historic firm of Carlo Colla (Milan), using the epoch-making translation into 17th century Neapolitan language by noted Italian dramatist, actor and playwright Eduardo De Filippo, who crafted it a year before his death. Unique to this production is the fact that Eduardo's voice features in all puppets, except Ariel and Miranda. Eugenio Monti Colla (1939-2017) has the magic visual result to his credit. So, prepare to be spellbound!

ALMADA

Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Grça

SÁB 6
15:00

DOM 7
15:00 • 21:30



Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo

Texto e encenação de **Ricardo Simões**

Interpretação

Ricardo Simões

Apoio

Adriel Filipe

Ana Barbosa

Ana Reguengo

Alexandre Calçada

Elisabete Pinto

João Grisantes

José Esteves

Marta Bonito

Liliana Barbosa

Patrícia Soares

Tiago Fernandes

Língua

Português

Duração

1h20

Classificação

M/12

Este espectáculo nasceu na festa dos 40 anos da Revolução, em Viana do Castelo. Foi então que, no âmbito das comemorações organizadas por uma iniciativa cidadã, estreou *24A74 – Salgueiro Maia*, monólogo de e com Ricardo Simões, actor da companhia Teatro do Noroeste-CDV, residente no histórico Teatro Sá de Miranda. Para esse espectáculo, Ricardo Simões baseou-se em *Capitão de Abril – Histórias da Guerra do Ultramar e do 25 de Abril*, livro-depoimento autobiográfico de Fernando Salgueiro Maia (1944-92), editado postumamente em 1994, e reeditado em 1997 e em 2014 (tendo nessa 3.ª edição, aumentada, caído o subtítulo original). De Viana, o espectáculo correu o país (aqui se incluindo a Sala Experimental do TMJB), foi a Espanha e ao Brasil. Dez anos e cerca de 70 espectáculos depois, Ricardo Simões sistematizou as vivências saídas do seu convívio com a peça – e com os públicos, através da peça –, operando nesse passo uma reflexão sobre objecto e memória, texto e documento, passado e presente, e construindo assim uma continuação-evolução do original, a que deu o título do presente espectáculo. E integrou de pleno direito o que surgiu espontaneamente nos espectáculos de 2014: a interacção com o público. Fazendo deste um monólogo “bidi-reccional”, lugar de encontros e de partilha de memórias e impressões. Porque há infinitas estórias contidas na História.

Profissional de teatro desde 1997, **Ricardo Simões** (n. 1979) é actor, encenador, dramaturgo e gestor cultural. Assumiu em 2015 a direcção artística do Teatro do Noroeste - Centro Dramático de Viana.

^{EN} *Salgueiro Maia – Cartography of a Monologue* is both a continuation and an evolution of *24A74 – Salgueiro Maia*, premiered in April 2014, in Viana do Castelo, as part of the local celebration of the 40th anniversary of the Carnation Revolution. Both then and now, script and (sole) performance are by actor Ricardo Simões. The source for the text is Captain Salgueiro Maia's (a man who had a decisive role in the triumph of the Revolution) autobiographical testimony, first published in 1994. The author-actor fosters interaction with the audience throughout his monologue.

ALMADA

Cine-Teatro

da Academia Almadense

Auditório Osvaldo Azinheira

DOM 7	TER 9	QUI 11
18:00	21:30	21:30



© JULIEN BENHAMOU

Les Visiteurs du Soir (França)

Apoio: Institut Français du Portugal

Et maintenant, Miss Knife est en couple...

E agora, Miss Knife tem um par...

Um espectáculo de **Olivier Py**

Interpretação

Olivier Py

Maestro S (Antoni Sykopoulos)

Figurinos

Pierre-André Weitz

Arranjos musicais

Stéphane Leach

Jean-Yves Rivaud

Maestro S

Desenho de luz

Bertrand Killy

—

Língua

Francês, com legendas

Duração

1h15

Classificação

M/12

Miss Knife é o 'alter ego' modo-*drag queen* que acompanha a carreira nos palcos, e a vida, de Olivier Py vai para 30 anos. Trata-se de um espectáculo que viaja livremente entre os universos do *cabaret*, do *music-hall* e do recital. Em palco, Olivier Py – de vestido, *collants* e saltos altos, usando plumas, bijuteria e peruca – canta composições originais, ou arranjos de temas da *chanson* francesa, género que confessa amar desde sempre. Eis o seu amor pela música e pela extravagância na sua mais exacerbada expressão! Depois de versões com *ensemble* instrumental, banda *jazz*, ou orquestra sinfónica, que correram o Mundo, Olivier Py envereda agora pelo formato mais intimista possível: voz e piano. E há um novo colaborador: Antoni Sykopoulos (Maestro S, de nome artístico), o arranjador e pianista que partilha a sua voz de barítono com o falso soprano de Miss Knife. Justamente por essa razão: *Et maintenant, Miss Knife est en couple*.

Olivier Py (n. 1965) é uma das grandes personalidades do teatro francês contemporâneo, seja como autor/encenador, seja como gestor cultural – com passagens pelo Centre Dramatique d'Orléans, pelo Théâtre de l'Odéon, pelo Festival de Avignon (2013-22) e, desde 2023, pelo Théâtre du Châtelet. Estreou-se nos palcos aos 20 anos e como encenador aos 23, altura em que cria a sua própria companhia. Desde o novo século que se vem dedicando à encenação de ópera, tendo já cerca de 40 produções no seu *portfolio*. Católico e *gay*, a religião e a homossexualidade são temas recorrentes nas suas criações cénicas e literárias.

^{EN} Miss Knife is the drag queen *alter ego* of French director/author/actor/culture manager Olivier Py (b. 1965). It all started in the mid-1990's and, under various guises, titles and layouts, this show has been a part of his career and public *persona* ever since. The new 'en couple' format features him, accompanied on the piano by composer/arranger Antoni Sykopoulos (aka Maestro S), who also does some of the singing. The worlds of cabaret, music-hall and the recital all mingle in this extravagant homage to the grand French *chanson* tradition.

ALMADA

Escola D. António da Costa

Palco Grande

SEG 8

22:00



© JEAN LOUIS FERNANDEZ

Théâtre des Bouffes du Nord (França)

Co-produção: Compagnie La Sourde

Apoio: Institut Français du Portugal

Sans tambour

Sem tambor

Encenação de **Samuel Achache**

Direcção musical de **Florent Hubert**

Interpretação

Myrtille Hetzel

Lionel Dray

Antonin-Tri Hoang

Florent Hubert

Sébastien Innocenti

Sarah Le Picard

Léo-Antonin Lutinier

Agathe Peyrat

Samuel Achache

Cenografia

Lisa Navarro

Figurinos

Pauline Kieffer

Desenho de luz

César Godefroy

—

Língua

Francês, com legendas

Duração

1h40

Classificação

M/12

O cenário é uma casa em progressiva ruína (e em derrocada), espelho da relação do casal que vemos no palco, também povoado de músicos. A banda sonora é feita de *Lieder* de Schumann, epítomes de romantismo, melancolia, perda, e de fragmento, mas também da música que tudo sublima e redime, inclusive o amor. Na esteira de Christoph Marthaler (*vide* o seu *Winch Only*, de 2006), Samuel Achache cria um teatro musical que é música teatral, de tal modo funde e faz comunicar os dois modos de expressão, juntando-lhes doses sadias de *vaudeville*, *cabaret*, burlesco e absurdo. O título da peça provém da expressão '*sans tambour ni trompette*', designativa de um exército em retirada, após derrota no campo de batalha – aludindo à conclusão melancólica e cabisbaixa das relações amorosas. *Sans tambour* estreou a 1/6/2022 no Teatro Nacional de Nice, e tem percorrido vários palcos franceses desde então, com passagem pelo Festival d'Avignon.

Samuel Achache (n. 1981) vem explorando novas configurações do teatro musical, em peças como *Le crocodile trompeur/Didon et Énée* (2013, Prémio Molière 2014), *Fugue* (2015), *Orfeo. Je suis mort en Arcadie* (2017) e *La chute de la maison* (2017), em co-criação com Jeanne Candel e o colectivo La Vie Brève (excepto em *Fugue*). E, mais recentemente, em *Songs* (2019), *Concerto contre piano et orchestre* (2021), *Sans tambour* e *Musiques non-écrites* (2024). Prepara uma ópera para a Opéra de Lorraine (Nancy). Detentor de uma sólida formação musical, Achache costuma dizer que não se teria tornado encenador, se não fosse a sua cultura musical.

^{EN} French author Samuel Achache's play *Sans tambour* depicts the debacle of a couple and their household over a soundtrack (performed live on stage by five musicians on eight different instruments, plus a soprano) of *Lieder* by Robert Schumann. Realism and romanticism, tragedy and surrealism, farse, comedy and the burlesque, all are intermingled in the typical Achache idiom of musical theatre (or theatrical music) which he has been successfully pursuing over the last decade. *Sans tambour* premiered in June 2022, in Nice, having been presented on Festival d'Avignon.

ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

TER 9 | QUA 10
21:30 | 19:00



© MARC COUDRAIS

Otto Productions (França)

Co-produção: Cie. MM, Festival Montpellier Danse, Le Quartz (Brest), Le Parvis (Tarbes), Théâtre Garonne (Toulouse), Théâtre Populaire Romand (La Chaux-de-Fonds, CH) e ADN-Danse Neuchâtel (CH)

Apoio: Institut Français du Portugal

Black Lights

Texto e coreografia de **Mathilde Monnier**

Interpretação

Isabel Abreu
Aïda Ben Hassine
Kaïsha Essiane
Lucia García Pulles
Mai-Júli Machado Nhapulo
Carolina Passos Sousa
Jone San Martín Astigarraga
Ophélie Ségala

Dramaturgia

Stéphane Bouquet

Cenografia

Annie Tolleter
(com o ateliê Martine
Andrée e Paul Dubois)

Figurinos

Laurence Alquier

Director técnico

Emmanuel Fornès

Desenho de luz

Éric Wurtz

Sonoplastia

Olivier Renouf
Nicolas Houssin

Operação de som

Nicolas Houssin

Operação de luz

Emmanuel Fornès

Língua

Francês, com legendas

Duração

1h10

Classificação

M/12

Este espectáculo baseia-se na série televisiva *H24* (ARTE/2021), que reunia contos (de base verídica) de 24 autoras sobre a violência exercida diariamente sobre mulheres nas mais variadas situações. Porque “nada é mais violento do que a trivialização” (Mathilde Monnier), *Black Lights* constitui uma outra via possível para iluminar esse ponto de partida. Fá-lo por meio de textos e da coreografia, criando relações entre a cinética dos textos e a dos corpos, utilizando palavras que retêm toda a tensão e violência dos factos, tão firmes quanto delicadas, e que se ligam à energia da dança. Convoca ainda os corpos a darem testemunho e a trazerem a sua verdade, cada corpo partindo de onde as palavras terminam, para configurar as “rajadas de vento emocionais” que são o cerne destes testemunhos. E porque são as mulheres os mais precisos sismógrafos destes tempos de mudança, sobem à cena textos de nove autoras (oriundas de seis países), que carregam uma história do corpo — e oito bailarinas serão as irmãs, testemunhas e parceiras dessas narrativas. Cada qual com as suas palavras, e o seu movimento, contando a história da sua vida, com as suas forças e fragilidades, partindo do individual para o diálogo, e daí para o gregário.

Mathilde Monnier (n. 1959), bailarina e coreógrafa, dirigiu o Centro Coreográfico Nacional de Montpellier Languedoc-Roussillon (1994-2013) e o Centro Nacional de Dança (Pantin/Paris), de 2014 a 2020. Recebeu o Prémio da SACD (Coreografia) em 2003 e foi feita Cavaleira da Légion d'Honneur em 2013. Com Tiago Rodrigues e La Ribot, criou em 2019 *Please Please Please*.

^{EN} Based on short-story television series *H24*, an all-female project broadcast on the ARTE channel in 2021 (available through October 2026), French choreographer Mathilde Monnier's 2023 show *Black Lights* addresses daily instances of violence against women through a powerful interaction of dance/movement and text/words. Nine different women's stories are thus embodied and retold by 8 female dancers on stage, displaying an expressive gamut ranging from delicacy to firmness, and from tension to violence.

ALMADA

Escola D. António da Costa
Palco Grande

QUA 10
22:00



© JORGE GONÇALVES

Artistas Unidos (Lisboa)

Remédio

Texto de **Enda Walsh**

Encenação de **António Simão**

Interpretação

Iris Runa
Maria Jorge
Rúben Gomes
Pedro Domingos (bateria)

Tradução

Joana Frazão

Vozes

Américo Silva
Andreia Bento
Diana Especial
Diana César
Frederico Gonçalves
Gonçalo Ouro
Helder Bráz
Isabel Milhanas Machado
João Meireles
Pedro Roquette
Raquel Montenegro

Cenografia

José Manuel Reis

Figurinos

Rita Lopes Alves

Luz

Pedro Domingos

Som

André Pires

Assistência de encenação

Diana Especial

Assistência de cenografia

André Neves

—

Língua

Português

Duração

1h50

Classificação

M/14

Remédio é a oitava peça de Enda Walsh sobre a qual se debruçam os Artistas Unidos. A essas, acrescem o 'sketch' *Lyndie tem uma arma* (que Walsh dedicou aos AU) e duas instalações da sua série *Quartos*, de teatro imersivo. Ou seja, uma presença fertilíssima na programação recente da companhia! No caso de *Remédio* (*Medicine*, no original), que os AU estrearam a 16 de Novembro de 2023, lemos tratar-se de uma peça obscura, absurda e grotesca, "meditação tocante e cómica sobre a 'doença mental'". É, aliás, a mais recente peça do autor irlandês, escrita em 2019-20 e estreada em Agosto de 2021, no Festival Internacional de Edimburgo. Um livro que historiza a psiquiatria na Irlanda, um vídeo no *Youtube* e o caso da sua própria mãe (num lar, com Alzheimer) foram os 'motores' de *Remédio*. Em palco, duas actrizes de teatro musical que trabalham numa instituição psiquiátrica e um seu paciente. E um baterista (que apenas toca). Sobre as personagens, diz Walsh que "tentam perceber por que são como são" e que "estão ligadas a estruturas, regras e modos de vida que as transformaram em almas isoladas e disfuncionais". Esta peça, diz, "é sobre a ausência de amor" e, correndo em fundo, assim espera, está "a responsabilidade de cuidarmos adequadamente uns dos outros, em particular dos que são vulneráveis".

Nascido em Dublin, em 1967, **Enda Walsh** afirmou-se como dramaturgo, encenador, guionista e libretista (de três óperas), com uma carreira internacional de já 25 anos e obra traduzida em 20 línguas, que já lhe valeu um Tony, além de vários outros prémios.

^{EN} *Medicine* is Irish playwright Enda Walsh's latest play, written in 2019-20 (Covid set in halfway through). It premiered at the 2021 Edinburgh International Festival (opening: August 7) and, a few weeks later, at the Galway Festival, which has championed his work for years. In a typical claustrophobic setting (here: a mental institution), *Medicine's* three main characters are, according to Walsh, "dysfunctional isolated souls". Running underneath, he hopes, is "the responsibility to care properly for one another and particularly for those who are vulnerable".

ALMADA

Fórum Municipal Romeu Correia
Auditório Fernando Lopes-Grça

QUI 11	SEG 15	QUA 17
21:30	21:30	21:30



© THEO SCHORNSTEIN

Bureau Platô (França)

Co-produção: MC93 Maison de la Culture Seine-Saint-Denis, Festival Montpellier Danse 2024, Le Trident, Scène nationale de Cherbourg, Charleroi Danse, Le Tropic Atrium, Fort-de-France, Théâtre des Salins, Scène nationale de Martigues, Le Théâtre d'Arles

Apoio : Institut Français du Portugal

Full Moon

Coreografia de **Josef Nadj**

Interpretação

Timothé Ballo
Abdel Kader Diop
Aipeur Foundou
Bi Jean Ronsard Irié
Jean-Paul Mehansio
Sombewendin M. Sawadogo
Boukson Séré
Josef Nadj

Desenho de luz

Rémi Nicolas

Criação sonora

Alain Mahé

—

Duração

1h00

Classificação

M/12

Full Moon prossegue, alarga e aprofunda a exploração e a ruptura radical no percurso de Josef Nadj, iniciadas com *Omma*: a peça apresentada no Festival de Almada de 2021. O mesmo grupo de bailarinos africanos é o demiurgo de um continente sonhado, empreendendo uma viagem às origens da dança, do movimento e, no limite, da humanidade. Busca que começa por um mergulho nos seus próprios corpos, em demanda de origem, de tradição ancestral, de terra primordial. As danças tradicionais africanas, com os seus rituais e polirritmias, são convocadas enquanto energia e essência, estendendo, via improvisação, braços sobre o Atlântico, até aos antecedentes do jazz, fazendo da viagem que foi cativo uma afirmação de liberdade pura. Outro referencial para Nadj, nesta nova criação, é a marioneta/máscara enquanto ilustração das díades inerte/vivo e animado/inanimado. O imaginário ligado à Origem liga-se, pelo título, à perene renovação e transformação veiculada pela Lua, por via dos seus ciclos e fases periódicas, os quais fornecem uma estrutura-grelha sobre a qual coreografar.

Sérvio de etnia húngara, **Josef Nadj**, bailarino e coreógrafo, artista plástico e fotógrafo, vive em Paris desde o início da década de 80. Estreou-se como coreógrafo em 1987 e desde então já assinou mais de 40 produções, que o tornaram numa referência da dança contemporânea. Foi director do Centro Coreográfico Nacional de Orleães (1995-2016), que deixou para fundar a sua companhia – Atelier 3+1, baseada em Paris. Presença regular no Festival de Almada, em 2021 dirigiu a formação *O sentido dos Mestres*.

^{EN} In *Full Moon*, Josef Nadj (b. 1957) widens and deepens the exploration and radical departure in his work represented by *Omma* (2021). We're plunged into an imaginary Africa in a search for essences – of dance, of movement, of mankind –, only to witness ten Black African dancers reenact, reinvent African dances through their ritualistic, polyrhythmic archetypes, and through the *Ur*-element of improvisation eventually reaching out to the idioms that originated jazz music. *Full Moon* premiered in Montpellier, in June 2024.

ALMADA

Escola D. António da Costa
Palco Grande

SEX 12
22:00

LOCAL	ESPECTÁCULO	Página	Duração	04 QUI	05 SEX	06 SÁB	07 DOM	08 SEG	09 TER	10 QUA	11 QUI	12 SEX	13 SÁB	14 DOM	15 SEG	16 TER	17 QUA	18 QUI
ESCOLA D. ANTÔNIO DA COSTA Palco Grande	Terminal (O Estado do Mundo)	11	1h30	22:00														
	1001 Noites – Irmã Palestina	19	1h30			22:00												
	Et maintenant, Miss Knife est en couple...	25	1h15					22:00										
	Black Lights	29	1h10							22:00								
	Full Moon	33	1h00									22:00						
	Manuela Rey Is In Da House	43	1h15											22:00				
	LIFE event nº 3	45	50m													22:00		
	Où je vais la nuit	49	1h15															22:00
TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Principal	Fonte da raiva	15	1h30		21:30	19:00												
	Sans tambour	27	1h40						21:30	19:00								
	Crisi di nervi, tre atti unici di Anton Cechov	39	1h45										21:30	19:00				
	Mãe Coragem	47	2h00														21:30	19:00
Sala Experimental	Além da dor	13	1h30		21:30	19:00	21:30		21:30		21:30		21:30	19:00	21:30		21:30	
FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA	La tempesta	21	1h50			15:00	15:00 21:30											
	Remédio	31	1h50								21:30				21:30		21:30	
CINE-TEATRO ACADEMIA ALMADENSE	Salgueiro Maia: Cartografia de um monólogo	23	1h20				18:00		21:30		21:30							
INCRÍVEL ALMADENSE	Jogging	17	1h30		21:30	18:00	15:00 21:30											
	Entrelinhas	41	1h00										15:00	15:00	21:30	19:00		
CCB Grande Auditório	Relative Calm	37	1h10									21:00	19:00					



© LUCIE JANSCH

Change Performing Arts (Itália)

Co-produção: Fondazione Musica per Roma, Teatro Comunale di Bologna, Teatro Stabile di Bolzano, Théâtre Garonne de Toulouse, Le Parvis Tarbes Pyrénées, Lugano – Arte e Cultura e La Villette Paris

Co-apresentação: Centro Cultural de Belém

Relative Calm

Conceito, luz, vídeo, cenário e encenação de **Robert Wilson**
Coreografia de **Lucinda Childs**

Interpretação

Agnese Trippa
Irene Venuta
Sara Mignani
Nicolò Troiano
Asia Fabbri
Mariagrazia Avvenire
Mariantonietta Mango
Giulia Maria De Marzi
Xhoaki Hoxha
Gerardo Pastore
Maria Pia Giordani
Alexandru Mihaíta Tanasa

Direção coreográfica

Michele Pogliani

Intérprete de *Knee-plays*

Aleksandar Asparuhov

Voz-off de *Knee-plays*

Robert Wilson
Lucinda Childs

Figurinos

Tiziana Barbaranelli

Colaboração cenográfica

Flavio Pezzotti

Colaboração na iluminação

Cristian Simon

Colaboração vídeo

Tomek Jeziorski

Som

Emanuele Pontecorvo

Maquilhagem

Claudia Bastia

—

Duração

1h10

Classificação

M/12

No período da pandemia, o reencontro criativo da coreógrafa Lucinda Childs e do encenador Robert Wilson — cuja colaboração artística quase cinquentenária remonta à ópera *Einstein on the Beach*, de Philip Glass (1975-76) —, levou-os a reformular uma colaboração de 40 anos antes — *Relative Calm*, estreada em Estrasburgo em 1981. Essa revisitação concretizou-se na concepção de um tríptico, que manteve apenas o primeiro quadro do original (*Rise*, sobre música de Jon Gibson), juntando-lhe a *Suite Pulcinella*, do bailado de Stravinsky (1922) para os Ballets Russes de Diaghilev, e *Light over Water (Part 3)*, sobre a obra homónima de John Adams, escrita para a coreografia *Available Light*, de Lucinda Childs (Los Angeles, 1983). Separando as coreografias, foram ainda 'enxertadas' duas *knee-plays*, conceito introduzido por Philip Glass na obra acima mencionada e que designa um *intermezzo* com função de ponte/junção: nesta peça, um actor *live* dialoga com as vozes *off* de Lucinda Childs e Robert Wilson, dizendo passagens do *Diário* (1936; ed. rev. 1995) de Vaslav Nijinsky. O resultado de tudo isto foi uma criação designada por Robert Wilson de "espectáculo unificado de dança, música, luzes e imagens".

Nesta sua nova configuração, *Relative Calm* estreou em Roma, no Auditório do Parco della Musica, a 17/6/2022.

Ela, bailarina e coreógrafa, ele, encenador, dramaturgo e multiartista, **Lucinda Childs** (n. 1940) e **Robert ('Bob') Wilson** (n. 1941) são duas verdadeiras lendas vivas e nomes míticos das artes performativas, com impacto marcante na dança, na ópera e no teatro dos últimos 50 anos.

^{EN} During the pandemic, Lucinda Childs and Robert Wilson looked afresh at a collaboration of 40 years earlier – *Relative Calm* – and decided to reinvent it. The result is *Relative Calm – Triptych Version*: new lights, new set, and new structure. The original's opening piece – Jon Gibson's *Rise* – was kept, but all the rest is new: Stravinsky's *Pulcinella Suite*, John Adams's *Light over Water* (written for Mrs. Childs in 1983), and two *knee-plays* – both based on Nijinsky's *Diary*. In this new guise, the show premiered in Rome, in June 2022.

LISBOA

Centro Cultural de Belém
Grande Auditório

SEX 12 | SÁB 13
21:00 | 19:00



© TOMMASO LE PERA

Tieffe Teatro Milano (Itália)

Co-produção: Teatro Biondo di Palermo

Apoio: Instituto Italiano de Cultura

Crisi di nervi, tre atti unici di Anton Cechov

Crises de nervos, três actos únicos de Anton Tchecov

Texto de **Anton Tchecov**

Encenação de **Peter Stein**

Interpretação

Alessandro Averone

Sergio Basile

Maddalena Crippa

Gianluigi Fogacci

Alessandro Sampaoli

Emilia Scatigno

Adaptação

Peter Stein

Carlo Bellamio

Cenografia

Ferdinand Wögerbauer

Figurinos

Anna Maria Heinrich

Desenho de luz

Andrea Violato

—

Língua

Italiano, com legendas

Duração

1h45

Classificação

M/12

‘Desviando-se’ das grandes peças de maturidade (que já visitou todas), Peter Stein vira-se agora para os curtos (e despretensiosos) ensaios dramáticos juvenis de Tchecov, escritos numa época em que o dramaturgo publicava abundantemente vários contos em jornais e revistas — textos que lhe valeram a primeira notoriedade no meio literário. O monólogo *Dos malefícios do tabaco* data de 1886 (e teve várias revisões até à versão final, de 1902) e surgiu primeiro na *Gazeta de Petersburgo*, em Fevereiro desse ano. Foi pela primeira vez levado à cena em 1901, em Kolomna (Rússia). A farsa *O urso* data de 1888, tendo a estreia — em Outubro desse ano, em Moscovo — quase coincidido com a atribuição ao autor do Prémio Pushkin, por uma colectânea de contos. Menos de seis meses depois, nova farsa estreava em São Petersburgo: *O pedido de casamento* (1889), num ano marcado pela morte — de tuberculose, de que Tchecov já então padecia — do irmão mais velho do escritor, Nikolai. Segundo Stein, estas peças são devedoras da comédia francesa e do *vaudeville* — plenas de sarcasmo, comicidade, mordacidade e absurdo.

Peter Stein (Berlim, 1937) é um dos ‘monstros sagrados’ do teatro internacional. Como encenador de teatro e de ópera, marcou o último meio século nos palcos europeus com trabalhos de absoluta referência. Ficou célebre o período de 15 anos em que dirigiu a Schaubühne de Berlim (1970-85), assim como os seis anos (1991-97) em que dirigiu a secção teatral do Festival de Salzburgo. Recebeu o Prémio Europa de Teatro em 2011, a Medalha Goethe de Ouro em 2001 e o Prémio Erasmo em 1993, entre muitas outras distinções. Na última década tem trazido as suas criações ao Festival de Almada, onde em 2015 dirigiu o curso de formação *O sentido dos Mestres*.

^{EN} Three ‘Einakter’ (one-act plays) of Anton Tchekhov’s youth assembled under the umbrella title of ‘Crisi di nervi’ (or ‘Nervous Break-down’) is the latest creative outpouring of iconic German theatre and opera director Peter Stein (b. 1937) with Tieffe Theatre Milan (Teatro Menotti) and Palermo’s Teatro Biondo. A mix of French *comédie* and *vaudeville*, mingled with typical Russian traits that Tchekhov was so keen on grasping and depicting to derision, through the eyes of an absolute master – Stein. What more’s left to be said?

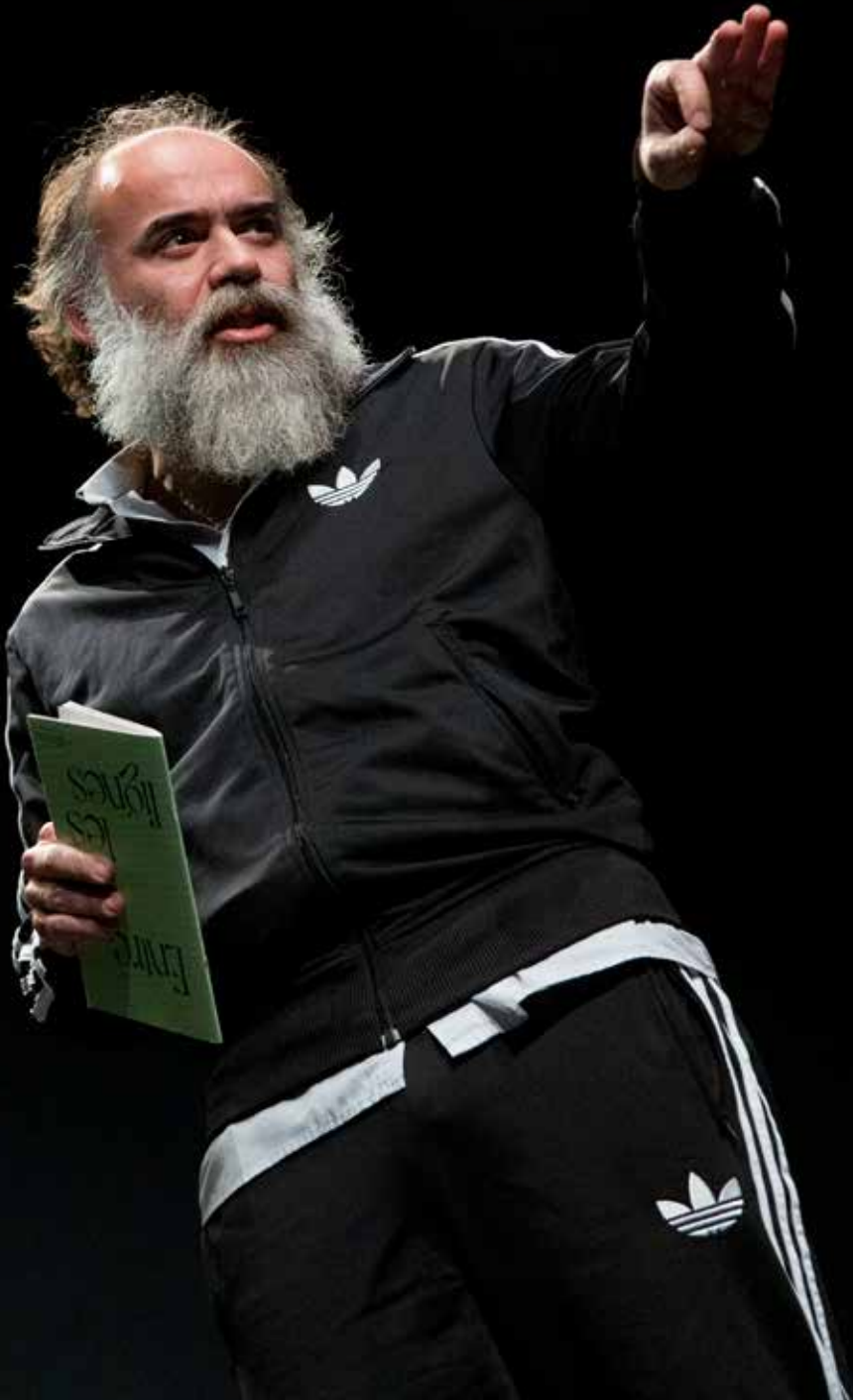
ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite

Sala Principal

SÁB 13 | DOM 14

21:30 | 19:00



© MARIANO BARRIENTOS

HomemBala (Lisboa)

Entrelinhas

Texto de **Tiago Rodrigues**

Co-criação de **Tiago Rodrigues** e **Tónan Quito**

Interpretação

Tónan Quito

Colab. artística e imagens

Magda Bizarro

Cenário, luzes e figurino

Magda Bizarro

Tiago Rodrigues

Tónan Quito

Direcção técnica

André Pato

Tradução francesa

Thomas Resendes

Tradução inglesa

Daniel Hahn

Difusão estrangeira

OTTO Productions

—

Língua

Português

Duração

1h00

Classificação

M/12

Tiago Rodrigues já escreveu várias vezes para Tónan Quito. A dada altura teve que escrever um novo texto para este actor interpretar sozinho no palco mas, por motivos misteriosos, falhou todos os prazos. Foi então que uma série de acidentes, tão reais quanto literários, deu origem a *Entrelinhas*. Retrato da longa e enigmática relação entre o autor e o actor, esta peça é uma passagem secreta que liga a realidade aos subterrâneos da ficção. Num labirinto narrativo, a peça mistura o texto do *Édipo Rei*, de Sófocles, com as cartas de um preso para a sua mãe, escritas nas entrelinhas numa edição da tragédia grega encontrada na biblioteca da prisão. Mas regressa sempre ao presente: um teatro onde um actor vem explicar ao público por que motivo não conseguiu construir o espectáculo que estava prometido.

Tiago Rodrigues (n. 1977) é o diretor artístico do Festival d'Avignon. Actor, dramaturgo e encenador, criou em 2023 a estrutura Mundo Perfeito em conjunto com Magda Bizarro, desenvolvendo um trabalho baseado na colaboração artística, e criando mais de 30 peças entre 2003 e 2014. Foi director artístico do Teatro Nacional D. Maria II de 2015 a 2021.

Tónan Quito (n. 1976), actor e encenador, trabalhou com Luis Miguel Cintra, Lúcia Sigalho, Giacomo Scalisi, Tiago Guedes, Miguel Loureiro, Marlene Monteiro Freitas, entre outros. Fundou a companhia HomemBala, com Patrícia Costa, onde dirigiu, entre outros espectáculos, *Um inimigo do povo*, *Ricardo III*, *Oresteia*, *Casimiro* e *Carolina*, e *A vida vai engolir-vos*.

^{EN} Tiago Rodrigues — which nowadays directs Festival d'Avignon — has written for Tónan Quito several times. At one point he had to write a new text for this actor to perform alone on stage but, for mysterious reasons, he missed all the deadlines. It was then that a series of accidents, as real as they were literary, gave rise to *Between the lines*. A portrait of the long and enigmatic relationship between the author and the actor, this play is a secret passage linking reality to the underbelly of fiction.

ALMADA

Incrível Almadense
Salão de Festas

SÁB 13	DOM 14	SEG 15	TER 16
15:00	15:00	21:30	19:00



Centro Dramático Galego (Espanha)

Co-produção: Centro Dramático de Viana – Teatro do Noroeste, Teatro Nacional São João, Teatro Nacional D. Maria II, e Associação Astro Fingido

Apoio: Embaixada de Espanha

Manuela Rey Is In Da House

Dramaturgia e encenação de **Fran Nuñez**

Interpretação

Mariana Carballal

Neto Portela

Nuno Loureiro

Rafaela Sá

Raquel Crespo

Teresa Vieira

Xosé Romero (acordeão)

Cenografia e figurinos

Pedro Azevedo

Música

Xosé Lois Romero

Desenho de luz

Nuno Meira

—

Língua

Português e galego

Duração

1h15

Classificação

M/16

Manuela Rey Is In Da House é uma homenagem bem-disposta e inventiva à atriz — galega de origem, portuguesa de adopção — Manuela Lopes Rey, falecida em Lisboa em Fevereiro de 1866, com apenas 23 anos, vítima de tifo (ou tuberculose, segundo algumas fontes). Atriz em trupes itinerantes desde tenra idade, Manuela vem para Portugal por volta de 1855 e, dois anos depois, já se encontra em Lisboa, na companhia do Teatro Nacional, onde viverá grandes sucessos e onde se lhe colou a romântica alcunha de 'mulher-lírio'. Foi sepultada no Cemitério dos Prazeres. A peça imagina uma iniciativa cidadã de recuperar a casa natal de Manuela, numa recôndita aldeia perto de Mondonhedo (norte da Galiza), para ali instalar um museu evocativo da sua memória. Teatro, dança e música (gravada e, ao vivo, com Xosé Lois Romero ao acordeão) unem-se num espectáculo "sobre o ofício do teatro, sobre a memória" — e sobre como a passagem do tempo molda o nosso olhar. Esta co-produção luso-espanhola estreou em Novembro de 2023, no Teatro Sá de Miranda, no âmbito do Festival de Teatro de Viana do Castelo.

O **Centro Dramático Galego** é um organismo institucional de produção e circulação de espectáculos teatrais criado em 1984 pela Xunta da Galiza. Nos seus 40 anos de actividade já produziu e/ou co-produziu mais de uma centena de espectáculos, incluindo com companhias portuguesas como a Companhia de Teatro de Braga ou o Teatro do Noroeste. Tem levado à cena autores portugueses de várias épocas, como Gil Vicente e Tiago Rodrigues. A sua sede encontra-se em Santiago de Compostela.

^{EN} *Manuela Rey Is In Da House* is a show about Manuela Lopes Rey (1842-66), a today almost forgotten Portuguese actress of Galician birth. Despite dying at a very young age, she joined the permanent ensemble of the National Theatre in Lisbon aged only 14 (or barely 15) and enjoyed great success there in the ensuing eight years. This show imagines a citizen's initiative of restoring the house where she was born and establishing a museum dedicated to her memory. It premiered in November 2023, within the Theatre Festival of Viana do Castelo (North of Portugal, in the Galician border).

ALMADA

Escola D. António da Costa

Palco Grande

DOM 14

22:00



© DOLLY BROWN

Gandini Juggling (Inglaterra)

LIFE Event No. 3

Um espectáculo de **Sean Gandini e Kati Ylä-Hokkala**, com **Jennifer Goggans**

Interpretação

Benjamin Beaujard
Erin O'Toole
Hannah George
José Triguero
Kati Ylä-Hokkala
Kim Huynh
Sakari Männistö
Sean Gandini
Yu-Hsien Wu

Consultora artística

Jennifer Goggans

Música original

Caroline Shaw

Desenho de luz

Guy Hoare

Apoio

Merce Cunningham Trust

—

Língua

Ingês, com legendas

Duração

50m

Classificação

M/6

O espectáculo *Life* nasceu da admiração de longa data de Sean Gandini e Kati Ylä-Hokkala pelo icónico coreógrafo norte-americano Merce Cunningham (1919-2009). A premissa era tão simples quanto ousada: pensar o que resultaria de um hipotético encontro de Cunningham com o malabarismo. O resultado consiste numa fusão perfeita da arte e virtuosismo dos Gandini com o geometrismo e a abstração espontânea do coreógrafo. Com algo mais: a transmutação para os 'números' de malabarismo do princípio de 'event' cunninghamiano. Eis um espectáculo assente na colagem de fragmentos (pré-existentes e novos), não-narrativo, e com espaço para o acaso — para o impulso interior não mediado. Ou seja, uma verdadeira aproximação à experiência do movimento em estado puro. *Life* baseia-se nas coreografias *CRWDSPCR* (1993) e *Split Sides* (2003), de Merce Cunningham, ambas já da sua fase de composições geradas por computador. A peça organiza-se segundo a técnica de acrescentamento (polirritmia e dissociação rítmica de complexidade crescente), convocando princípios musicais, seja de Jaques Dalcroze, seja de Carl Orff.

A **Gandini Juggling** foi criada em 1991 por Gandini e Hokkala. Desde então, esta dupla já estreou mais de 40 criações e realizou milhares de apresentações em todo o Mundo. O ponto forte da filosofia destes criadores assenta no cruzamento da arte do malabarismo com outras disciplinas artísticas/performativas. Em 2022 trouxeram a Almada *Smashed 2* — o mesmo ano em que receberam o prémio de Melhor Espectáculo de Dança, atribuído pelo *The Guardian*, que destacou que nesse espectáculo "os malabaristas, tal como Cunningham, tornam o ritmo visível em puzzles abstractos, de âmago iminentemente humano".

^{EN} Gandini Juggling's *LIFE* show started off as a 'Love Letter to Merce Cunningham', honouring the iconic American choreographer (1919-2009): juggling acts performed according to the 'event', a key concept of Merce's. For *LIFE*, Gandini worked closely with Jennifer Goggans, a former dancer at MCDC, while also commissioning new music from composer Caroline Shaw. *LIFE* (original version) premiered in January 2022 (London), and has been touring ever since.

ALMADA

Escola D. António da Costa
Palco Grande

TER 16
22:00



© JAIME FREITAS

Teatro do Bairro / Ar de Filmes (Lisboa)

Co-produção: Centro Cultural de Belém

Mãe Coragem

Texto de **Bertolt Brecht**

Com poemas de **José Saramago**

Encenação de **António Pires**

Interpretação

Maria João Luís
Carolina Campanela
Carolina Serrão
Cassiano Carneiro
Cláudio da Silva
Duarte Guimarães
Francisco Vistas
Hugo Mestre Amaro
Jaime Baeta
João Barbosa
João Sá Nogueira
João Veloso
Mário Sousa
Ricardo Aibéo
Sofia Marques

Tradução

Ilse Losa

Cenografia

João Mendes Ribeiro

Figurinos

Luísa Pacheco

Música

Miguel Sá Pessoa
João Sampayo

Desenho de luz

Rui Seabra

Produtor

Alexandre Oliveira

—

Língua

Português

Duração

2h00, aproximadamente

Classificação

M/12

Obra-prima do teatro do século XX, *Mãe Coragem e seus filhos* é por muitos tida como a mais notável denúncia do belicismo em todo o repertório teatral. Concebida desde 1938, quando Brecht estava exilado na Dinamarca, e escrita (com a ajuda de Margarete Steffin) no Outono de 1939, em cinco febris semanas, já depois de se mudar para perto de Estocolmo, a peça consiste numa reacção directa à invasão da Polónia pelas tropas nazis, e numa denúncia de quantos, nos países neutros, esperavam poder lucrar com os negócios de guerra. A 'Mãe Coragem' do título, um dos grandes papéis do repertório teatral, é uma tendeira que, com a sua carroça, acompanha o progresso de um regimento do exército sueco pela Polónia, Alemanha e Itália durante a devastadora Guerra dos Trinta Anos, procurando assim fazer prosperar os seus negócios. Os seus três filhos, que ela procura preservar das matanças que testemunha à sua volta, serão, um após outro, vítimas dessa selvajaria – e vítimas da ganância da mãe. Estreada em Abril de 1941, em Zurique, *Mãe Coragem* estrearia em Portugal em 1986, no Teatro Nacional D. Maria II, com Eunice Muñoz no papel titular.

Um dos maiores dramaturgos do século XX, o alemão **Bertolt Brecht** (1898-1956) revolucionou a muitos títulos o teatro europeu, cunhando conceitos como 'teatro épico' e 'efeito de estranhamento', aplicados a um *corpus* de obras criado ao longo de cerca de 35 anos. Fundou o famoso Berliner Ensemble (1949), cuja peça de estreia foi justamente a *Mãe Coragem*.

—

^{EN} One of the 20th century's most famous plays, Bertolt Brecht's *Mother Courage* (1939) describes the (mis)fortunes of canteen woman Anne Fierling and her three children, during the Thirty Years War (17th century). Spurned by her greed, Courage ends up losing all her children. The play is seen as a denunciation of war and of all those who see it as an occasion to earn (more) money, no matter what. *Mother Courage* premiered in Zurich, in 1941 and has since been staged all over the world, apart from several film adaptations.

ALMADA

Teatro Municipal Joaquim Benite
Sala Principal

QUA 17 | QUI 18
21:30 | 19:00



© THIERRY LAPORTE

Compagnie Maurice et les autres (França)

Co-produção: Théâtre de l'Union-Limoges, Scène Nationale d'Orléans, Fonds de soutien à la production de l'association S'il vous plaît, Les 3T, Scènes de Territoire, Le Gallia Théâtre, Théâtre de Caen, Opéra National de Bordeaux, OARA-Office Artistique de la Région Nouvelle-Aquitaine
Apoio: Institut Français du Portugal

Où je vais la nuit

Onde vou à noite

Texto e encenação de **Jeanne Desoubaux**

Interpretação

Agathe Peyrat
Benjamin d'Anfray
Claude Lastère
Jérémie Arcache

Cenografia e figurinos

Cécilia Galli
c/ François Gauthier-Lafaye
e Claire Fabre

Direção musical

Jérémie Arcache
Benjamin d'Anfray

Desenho de luz

Thomas Coux

Criação sonora

Warren Dongué
c/ Jérémie Arcache

—

Língua

Francês, com legendas

Duração

1h15

Classificação

M/12

Partindo da intemporalidade e da ubiquidade dos mitos, nesta peça Jeanne Desoubaux opera duas 'deslocações' — a do mito de Orfeu e Eurídice, e a da ópera de Christoph W. Gluck sobre esse tema (baseando-se na versão francesa da mesma, estreada em 1774, em Paris) —, criando um espectáculo musical e teatral, híbrido, que se move livremente entre o canto e a representação. Deparamo-nos com duas mulheres 'da vida real', Odette e Eugénie (de ressonâncias proustianas, a primeira, e balzaquianas, a segunda), que transitam livremente para e das personagens míticas, respectivamente, Orfeu e Eurídice. E há ainda dois músicos seus amigos: Nikita e Simon. Entre a ópera de Gluck e a música moderna, entre as estéticas musicais actuais e as do século XVIII, Desoubaux cria de uma velha história um novo drama, partindo dos conceitos (românticos) de ruptura e de perda. *Où je vais la nuit*, cujo título provém de uma canção de Philippe Katerine utilizada no espectáculo, estreou no Teatro de Limoges em Janeiro de 2022, tendo passado ainda pelo Théâtre des Bouffes du Nord, em Paris.

Com estudos musicais, de dança, de teatro e literários, **Jeanne Desoubaux** (Caen, 1992) é dramaturga, encenadora e actriz. Criou a companhia Maurice et les autres em 2015. Move-se na ópera e no teatro com igual à-vontade, tendo vindo a especializar-se em territórios dramaturgicos que basculam entre um e outro géneros. Em 2025 encenará a ópera *Orlando*, de Händel, no histórico Théâtre du Châtelet (Paris).

^{EN} Because myths are independent from time or place, young French director Jeanne Desoubaux (b. 1992) recreates one of the most famous of them all – *Orpheus and Eurydice* – and transposes it to our modern age... but then again to the Late Baroque age of Gluck's opera of the same name! And so it goes on, hopping between times and places right in front of our eyes, the link there being the universal concepts of split, severance, loss, death. *Où je vais la nuit* (*Where I Go at Night*) premiered in Limoges, in January 2022, to great acclaim.

ALMADA

Escola D. António da Costa
Palco Grande

QUI 18
22:00

Música na esplanada

Escola D. António da Costa



Durante o Festival, a Esplanada da Escola D. António da Costa é o local de todos os encontros. E também da celebração: de 4 a 18 de Julho há concertos de entrada livre todos os dias ao cair da noite (e às vezes noite dentro). A música serve também de pretexto para descobrir as propostas culinárias do nosso Restaurante, a funcionar em modo cantina e aberto aos artistas e ao público. As ementas alternam entre os clássicos da cozinha portuguesa e os sabores que vêm de fora. Às vezes misturam-se. Tal como a música, que vai do cante ao jazz, passando pelos ritmos balcânicos ou africanos — e sem deixar, este ano, de homenagear Zeca Afonso.

Quinta • 4 Julho • 20:30

Cante alentejano

Este projecto junta os Cantadores do Desassossego, de Beja, e o Grupo Coral e Etnográfica da Academia Sénior de Serpa. Assinalando os 10 anos da elevação do cante a património da Unesco, serão interpretadas modas tradicionais e repertório novo, sobre letras de Valério Romão e Gonçalo M. Tavares.



Sexta • 5 Julho • 20:00

Bissau-Lisboa

Este trio constituído por José Grossinho (guitarra eléctrica), Gueladjo Sané (percussão) e Diogo Duque (trompete e guitarra) parte das tradições guineense e lisboeta, com jazz/improvisação à mistura, para recriar paisagens que ilustrem as actuais vivências musicais nas duas capitais.



Sábado • 6 Julho • 20:30

Nuno Carpinteiro Trio

Este grupo é composto pelo acordeonista, compositor e cantor Nuno Carpinteiro, mais as guitarras de David Rodrigues e a percussão de Manú Teixeira. Ao primeiro álbum (*A montanha*, de 2019) seguiu-se, em 2022, *Viagem*. Em ambos, a natureza é personagem central.



Sábado • 6 Julho • 24:00

Rita Vian

Cantautora que mistura o fado com a electrónica e com idiomas urbanos mais recentes (como o rap), Rita Vian editou em 2022 o 1.º EP (5 temas), intitulado *CAOS'A*, com produção de Branco/João Barbosa, que teve grande destaque na imprensa especializada e a levou a percorrer os principais festivais portugueses.



Domingo • 7 Julho • 20:00

Quarteto dela

Este projecto, muito recente, junta guitarra, contrabaixo e bateria (ocasionalmente, ainda saxofone) a uma vocalista, para recriar, em novos arranjos e roupagens harmónicas, grandes êxitos — clássicos — da música portuguesa, brasileira e cabo-verdiana, desde os anos 60 aos nossos dias.



Segunda • 8 Julho • 20:30

Tributo a Zeca Afonso

Este tributo timbricamente criativo junta dois instrumentos inesperados: a marimba de Márcio Pinto (mentor do duo e arranizador dos temas) e o violoncelo de Catarina Anacleto. O projecto surgiu em 2016 e já se apresentou um pouco por todo o lado. Timbres quentes numa noite de Verão.



Terça • 9 Julho • 20:00

Quarteto Paulo Pontes

Este quarteto de jazz luso-brasileiro é liderado pelo baixista maranhense Paulo Pontes, a que se juntam os lusos André Gomes (piano) e Pedro Marques (guitarra) e o paulista Matheus Silva (bateria). O grupo nasceu como Quarteto Ímpar, durante o mestrado em Jazz que Pontes realizou na Universidade de Aveiro.



Quarta • 10 Julho • 20:30

Balklavalhau

Surgido em 2021, no Porto, este projecto multinacional dedica-se a viagens sonoras pelas tradições da música balcânica, mas também turca e do Próximo Oriente, com incorporação do 'latino' e do eslavo (não balcânico). A base do grupo, que já gravou um primeiro disco, é um quarteto (expandível).



Quinta • 11 Julho • 20:00

Curcumbia

Juntando músicos de Portugal, Itália e América do Sul, os Curcumbia são um septeto surgido no Porto em 2021 e dedicam-se às músicas latino-americanas, do *candombe* do Uruguai ao *reggae* e *merengue* das Caraíbas, passando pela *cumbia*, que dá o nome ao grupo. Prometem ritmo, dança e muita animação.



Sexta • 12 Julho • 20:30

Asteria

As Asteria são um sexteto só de mulheres (de Portugal, Polónia e Itália), dedicado às músicas do Mediterrâneo, com perspectiva contemporânea sobre o que entendem por 'ancestral feminino', incluindo o ritual e o misticismo. As suas performances juntam um instrumental variado, vozes e dança.



Sábado • 13 Julho • 20:00

Seiva

Formados em 2014, os Seiva (da plataforma Repasseado) são: Sofia Negrão (voz + percussão tradicional e gaita), Vasco Ribeiro Casais (cordofones tradicionais, mais adufe e gaita) e Rita Nóvoa (percussões tradicionais). Fazem gala em mostrar a renovada força vital da música rural de tradição oral.



Sábado • 13 Julho • 23:30

Suzie and the boys

Suzi Peterson (aka Miss Suzie), conhecida figurinista, abraçou em 2019 este projecto (a estreia foi na Festa do Avante!) que junta sete experientes músicos e pretende recuperar o *glamour* e a boémia dos *cabarets* lisboetas dos anos 30 a 60. O primeiro EP do grupo (sete temas) saiu em Março deste ano.



Domingo • 14 Julho • 20:30

Catman & the blues doozers

Projecto de Manuel Pais (aka Catman) nascido nos primeiros anos do novo século, no antigo Catacumbas Jazz Bar, no Bairro Alto. À voz, guitarra e bateria, juntam-se teclas, harmónica e clarinete. Clássicos dos três grandes 'Kings' do 'blues', de Willie Dixon, de Muddy Waters, etc..



Segunda • 15 Julho • 20:00

4tUb0s

Os 4tUb0s são um quarteto de tubas composto por um duo de tubas (baixo e contrabaixo) e um duo de eufónios (mais pequenos; tenor e barítono). Começaram a sua actividade no Outono de 2022 e, a par do repertório existente para esta formação, pretendem fomentar a criação de nova música.



Terça • 16 Julho • 20:30

Bairro do grito

Tendo por base o fado e por referencial Amália, os Bairro do Grito envolvem a tradição com roupagem urbana e moderna (na rítmica, nos timbres, no tratamento vocal). À voz de Sofia Sousa Claro, juntam-se o acordeão de Hugo Claro e o *cajón* (pequeno acordeão) de Gonçalo Bacalhau.



Quarta • 17 Julho • 20:00

in.dia duoguitar

Este duo de guitarra clássica e guitarra portuguesa (mais pedais de efeitos), constituído por Diogo Passos e Hugo Gamboias, nasceu à volta da canção coimbrã e evoluiu a partir de 2019 para sonoridades mais modernas e pessoais, reveladas com o álbum *In-dia* (2021) e no recente *Perfeita desordem*.



Quinta • 18 Julho • 20:30 e 23:30

RioLisboa cantam Revolução

Este projecto foi criado em 2013 e conta com mentoria do guitarrista Bruno Fonseca, já com dois álbuns e um terceiro (*Cantam Revolução*) gravado há seis meses. Temas e textos originais (na maioria, de Rodrigo), com várias letras de nomes versados no ofício. Bruno e Marcos Alves (piano) dão suporte à cantora Luanda Cozetti.





actos complementares

Ler muito, ver espectáculos, viver mais

Com **Rui Cardoso Martins**

Rui Cardoso Martins acredita que todas as artes estão unidas pela mesma sagrada riqueza da linguagem. Dialogam umas com as outras. Todas, por assim dizer, são dramaturgia. Pensa na literatura como uma hipótese de expressão máxima da humanidade. Se for bem levada a um palco, a uma tela de cinema, ou até à televisão, melhor ainda. Neste curso pretende-se partilhar diferentes métodos de trabalho, instrumentos práticos e teóricos, às vezes improváveis, para que cada um procure método, temas, e encontre a sua voz no teatro. Conhecer os mestres, subir aos ombros dos mestres, para ver longe, e depois combater os mestres.

Segunda • 8 Julho

Usar as palavras para coisas diferentes

Terça • 9 Julho

Como é que eles escreveram isto? Parte I

Quarta • 10 Julho

Como é que eles escreveram isto? Parte II

Quinta • 11 Julho

Como pegar numa obra para criar outra

Sexta • 12 Julho

“Tragédia e Comédia escrevem-se com as mesmas letras do alfabeto” (Aristóteles)

Rui Cardoso Martins (Portalegre, 1967) é romancista premiado com o Grande Prémio de Romance e Novela da APE, 2009, e com o Grande Prémio de Crónica da APE, 2016. Escreveu os romances *E se eu gostasse muito de morrer* (2006), *Deixem passar o homem invisível* (2009), *Se fosse fácil era para os outros* (2012), *O osso da borboleta* (2014) e *As melhoras da morte* (2024). Desde 1990 é autor da crónica *Levante-se o réu* (jornal *Público* e *Jornal de Notícias*).

Fez teatro amador em Portalegre, no Teatro da Nova, em Lisboa, e noutras produções. Profissionalmente, trabalhou com Maria Emília Correia no TNDM II; escreveu a peça curta *Duas estrelas* (encenação de Tiago Rodrigues, Urgências, 2007); *Apanha-Bolas* (Culturgest) e a peça em três actos *Última hora* (TNDM II, 2020). Escreveu para *A sorte que tivemos – Um espectáculo sobre Abril*, com que a Companhia de Teatro de Almada celebrou os 50 anos da Revolução.

No cinema, co-escreveu o guião de *A herdade*, candidato a Leão de Ouro e melhor argumento do Festival de Veneza, 2019. Em televisão, foi co-autor de *Contra-Informação*, *Herman Enciclopédia*, e das séries *Sul*, *Causa própria* e *Matilha*.

A inscrição no curso faz-se mediante o envio de CV e carta de motivação para geral@ctalmada.pt, e tem um custo de 20€ (10€ para Assinantes do Festival).

ALMADA

Salão das Carochas • 8 a 12 Julho • das 15:00 às 18:00

Criação, ideologia, identidade

Moderação: **Jorge Vaz de Carvalho**

Quando passam cinco décadas sobre a Revolução que nos trouxe a liberdade de expressão, debruçamo-nos sobre os limites hodiernos dessa mesma conquista. Convidamos pensadores e artistas de diferentes áreas e gerações para, parafraseando Salgueiro Maia, olharmos para 'o estado em que estamos' no que diz respeito à criação. Qual o papel da ideologia naquilo que hoje fazem os artistas? E o da identidade? Será que a arte é passível de ser 'útil', e que os espectadores de hoje esperam ainda aceder a uma 'mensagem' quando se sentam numa plateia, abrem um livro, ou visitam uma galeria?

Atendendo ao contexto digital, volátil — e não poucas vezes incendiário — em que vivemos, até que ponto os criadores são ainda livres, tal como passaram a ser há cinquenta anos? Será que existem mesmo, hoje em dia, novas formas de censura? E que alguém passou a vigiar — por detrás de que biombos? — aquilo que é legítimo ser escrito, exibido e levado à cena?

Uma luz em tinta preta

A arte nunca é plena liberdade. Sim, o criador inventa por sua escolha e decisão da vontade. Mas num território limitado: o vocabulário, a tela, os sons, o palco. E tão-só enquanto a criatividade persistir. Há criadores que libertam a sua luz a vida inteira e brilham muito além da morte; a outros a luz chega num impulso, afirma-se uma única vez, ou poucas vezes, e desiste para sempre.

A arte não é normativa. Toda a normalização da arte é antagonista da criatividade, por definição aventura inovadora, transformadora, revolucionária do espírito humano. Prescrever o que ela deve ser, ou impor como se deve manifestar, é um despropósito de mentes subalternas. A luz da imaginação poética rejeita os predicadores sectários, mesmo trajados com os figurinos das boas intenções.

À arte que quer libertar o mundo importa libertar-se ela própria: olhar o próprio papel e libertar a sua luz da tinta preta.

Jorge Vaz de Carvalho

Painel I

Filipa Oliveira (curadora)

Maria Rueff (actriz)

Sérgio Sousa Pinto (deputado e presidente da comissão dos negócios estrangeiros)

Painel II

Henrique Raposo (escritor)

Raquel Freire (realizadora)

Margarida Vale de Gato (tradutora)

CAPARICA

Convento dos Capuchos

Sábado • 6 Julho • 15:00

Aos dias úteis, as tardes na Esplanada da Escola D. António da Costa são de conversa — dos artistas com o público, do público com os artistas. Com a mediação de alguém convidado, fala-se sobre os espectáculos a que assistimos, sobre as circunstâncias em que foram feitos, e também sobre as razões que levaram à sua criação. Dirimem-se dúvidas, especulam-se intenções, esclarecem-se perplexidades. Sempre às 18h00, com serviço de bar.

Sexta • 5 de Julho • 18:00

Inês Barahona e Miguel Fragata (autores de *O Estado do Mundo*)

Moderação: Maria João Guardão

Segunda • 8 de Julho • 18:00

Olga Roriz e João Brites (directores artísticos de *1001 noites – Irmã Palestina*)

Moderação: Mónica Guerreiro

Terça • 9 de Julho • 18:00

Piero Corbella (marionetista de *La tempesta*)

Moderação: Sebastiana Fadda

Quarta • 10 de Julho • 18:00

Ricardo Simões (autor e intérprete de *Salgueiro Maia: cartografia de um monólogo*)

Moderação: Catarina Neves

Quinta • 11 de Julho • 18:00*

Enda Walsh, António Simão e Joana Frazão (autor, encenador e tradutora de *Remédio*)

Moderação: João Carneiro

Sexta • 12 de Julho • 18:00

Cucha Carvalho (autora e encenadora de *Fonte da raiva*)

Moderação: Statt Miller

Segunda • 15 de Julho • 18:00

Josef Nadj (coreógrafo de *Full Moon*)

Moderação: Alexandre Pieroni

Terça • 16 de Julho • 18:00

Fran Nuñez (encenador de *Manuela Rey Is In Da house*)

Moderação: Ruy Filho

Quarta • 17 de Julho • 18:00

Tónan Quito (encenadora de *Entrelinhas*)

Moderação: Patrícia Cividanes

Quinta • 18 de Julho • 18:00

António Pires (encenador de *Mãe Coragem*)

Moderação: Emília Costa

* Com o apoio da Embaixada da Irlanda em Portugal

ALMADA

Esplanada da Escola D. António da Costa

Co-apresentação: Museu Nacional do Teatro e da Dança

Liberdade! Liberdade! A Revolução no Teatro

Curadoria de **Nuno Costa Moura**

Liberdade! Liberdade! estreou no Teatro Villaret, em Lisboa, pouco mais de quatro meses depois do 25 de Abril. A peça, uma colagem de textos e canções sobre a defesa da liberdade, era uma adaptação de um original brasileiro, de 1965, que circulou pela América do Sul com enorme sucesso.

Esta exposição, que lhe toma o título e o propósito celebratório, centra-se no decénio compreendido entre 1972 e 1982, altura em que, no meio teatral português, se assistia a um dinamismo crescente de tentativas de aproximação às modernas práticas do teatro ocidental. Desde os primeiros espetáculos de rutura, ainda testando os limites da censura, até à revisão constitucional de 1982 – que encerra formalmente o período revolucionário – o teatro foi um meio ativo de expressão de ideias e críticas sociais, procurando envolver os portugueses e estimular a sua consciência cívica. Funcionou, por isso, também, como uma ferramenta educativa na divulgação dos valores democráticos.

Perante a variada e prolífera produção artística desse período, a exposição destaca algumas companhias e propostas, profissionais e amadoras, que foram surgindo em todo o país. Com a Revolução, caem definitivamente as fronteiras geográficas, temáticas e de públicos do teatro. Das reações imediatas do teatro de Revista, ao inevitável Bertolt Brecht, a Democracia permitiu a experimentação estética, renovando a relação entre o teatro e a sua audiência.

Organizada pelo Museu Nacional do Teatro e da Dança, com curadoria de Nuno Costa Moura, esta exposição, informativa e acessível para todas as gerações, inaugura no 41.º Festival de Almada. Meio século depois da chegada da Liberdade, as histórias do teatro irão circular, adicionalmente, pelo país, mostrando como nos palcos também se fez o 25 de Abril.

Museu Nacional do Teatro e da Dança

O **Museu Nacional do Teatro e da Dança** é o grande arquivo das memórias e da História das artes do espectáculo em Portugal. Tem como missão dar a conhecer a evolução e a actualidade do Teatro, da Dança, da Ópera e de outras artes do palco. Está instalado no Palácio do Monteiro-Mor, no Lumiar, e conta com mais de 300.000 peças no seu acervo, incluindo figurinos e trajes de cena, maquetas de cenários, adereços, cartazes, partituras e, ainda, fotografias, pinturas e caricaturas de artistas do palco. Possui a maior biblioteca especializada sobre artes do espectáculo do país.

ALMADA

Escola D. António da Costa • Sala Polivalente
4 a 18 Julho • das 18:00 às 24:00

Quando soubermos ouvir as árvores

De Ilda David

No sussurro das árvores, onde os segredos da natureza ecoam suavemente, reside uma sabedoria ancestral que muitas vezes negligenciamos. No conjunto de obras reunidas nesta exposição, Ilda David — a autora da pintura escolhida para o cartaz desta edição do Festival — convida-nos a mergulhar nesse universo de metamorfoses e mitos, onde as fronteiras entre o humano e o natural se desfazem.

As suas pinturas ecoam as palavras de Hermann Hesse, como rumores de uma verdade que desejaríamos coletiva, e conduzem-nos por caminhos de transfigurações, de pessoas em elementos da natureza, como árvores ou flores, numa dança eterna de formas e significados. As águas (do rio Tejo?) que antecedem tais metamorfoses são como um portal para um mundo onde tudo é fluido, onde cada perda é apenas uma transição, uma mudança de forma.

As suas obras são inspiradas igualmente em Maria Gabriela Llansol — o falcão que sobrevoa e penetra o trabalho de Ilda David. Tecer falcões é tecer memórias, evocar a infância da artista, as tardes em que a sua mãe e tias bordavam juntas, tecendo histórias com agulhas e linhas. Os voos dos falcões são viagens improváveis no tempo, encontros gravitacionais entre passado e presente, entre o tangível e o efémero.

Filipa Oliveira

Ilda David nasceu em Benavente e vive em Lisboa. Frequentou o curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes entre 1976 e 1981. As suas exposições individuais mais recentes, de 2011 a esta parte, realizaram-se em espaços como a Galeria do Parque (Vila Nova da Barquinha, 2024); Fundação Carmona e Costa (Lisboa, 2023); Sociedade Nacional de Belas Artes (Lisboa, 2023); Giefarte (Lisboa, 2023); Museu da Guarda (2022); Centro Cultural Português – Camões (Luxemburgo, 2021); Galeria Ala da Frente (Famalicão, 2021); Igreja de São Tomás de Aquino (Lisboa, 2017); Land Art Cascais (Cascais, 2020); Museu da Cidade – Casa Guerra Junqueiro (Porto, 2020); Museu Municipal de Faro (2019); Galeria Neupergama (Torres Novas, 2017); Fundação Carmona e Costa (Lisboa, 2016); Catedral de Bragança (2015); CIAJG (Guimarães, 2014); Giefarte (Lisboa, 2014); Casa de Camilo (S. Miguel de Seide, 2014); Giefarte (Lisboa, 2012); e Capela do Rato (Lisboa, 2011). Tem desenvolvido a sua obra plástica em redor da escrita de distintos escritores, como Goethe, Mário Cesariny, Maria Gabriela Llansol, Maria Velho da Costa, Armando Silva Carvalho, Manuel António Pina, ou José Alberto Oliveira.

CAPARICA

Convento dos Capuchos

Até 14 de Setembro • Terça a sábado, das 10:00 às 13:00 e das 14:00 às 18:00

Um sonho de Federico García Lorca em Lisboa

Instalação de José Manuel Castanheira

“Atrás da cortina podemos ver o estado do mundo”, era o que dizia um cartaz que pela manhã apareceu colado numa das paredes da praça. No sítio agitaram-se as memórias e cresceu a expectativa. Descendentes de uma ‘farândola ambulante’ do imaginário, eram os comediantes que aterravam à beira da estrada e, com cinco varas, três cortinas e cadeiras, improvisaram o que chamavam Teatro. A noite, tenuamente iluminada, acolhia todas as ilusões, e na manhã seguinte a trupe prosseguia viagem.

Tudo parecia emanar do sonho de Lorca e Ugarte, onde a mítica camioneta conduzida por Aurelio era La Bella Aurelia. Impulsionados pela ideia, a Céu Guerra, o Mário Alberto, e mais tarde o Hélder Costa, herdaram o nome da trupe, ‘La Barraca’, e puseram-se a cavalgar o tempo. Na nuvem de onde vinham havia uma vontade de festa e de fusão entre actores e espectadores. Trocaram Cervantes ou Calderón pelas palavras de Dario Fo, Boal, Brecht, Gil Vicente, Molière, Mrozeck, Ionesco, Scola... e com elas ensaiaram diagnósticos do mundo imediato, propondo outras visões, possibilidades ou perspectivas.

Numa insigne persistência, a simbólica camioneta prosseguiu viagem. Em sucessivas paragens semearam uma floresta de vultos e acontecimentos. Lugar onde descortinamos a metamorfose do sonho de Lorca em Lisboa.

José Manuel Castanheira

No ano em que se celebra o cinquentenário do 25 de Abril de 1974, o Festival de Almada homenageia um dos grupos fundadores do ‘teatro independente’ português, que no último quartel do século XX chamaram a si o desenvolvimento do teatro profissional no nosso País.

A Barraca foi fundada em 1976, com a peça *A cidade dourada*, iniciando um percurso fortemente marcado pela busca de um teatro iminente popular. O grupo apostou desde cedo na itinerância nacional e internacional, visitando países na Europa, África, Ásia, e América do Norte e do Sul.

Das várias distinções que recebeu, destaca-se o prémio UNESCO da Expo Sevilha 92, para melhor actriz, atribuído a Maria do Céu Guerra no espectáculo *O pranto de Maria Parda*, de Gil Vicente. A Barraca foi também premiada pelo Festival de Sitges, pelo Festival de Bogotá, e pelo Instituto Internacional de Teatro, em Santiago do Chile.

Privilegiando a dramaturgia portuguesa, esta companhia definiu-se desde cedo como “um grupo que é testemunho e parte activa do seu país e da sua época”. No entanto, o reportório internacional, tanto clássico como contemporâneo, tem sido igualmente um esteio no seu percurso. Para além de ter estreado em absoluto em Portugal autores como Dario Fo, Mrozeck e Augusto Boal, a Barraca tem levado à cena peças de Molière, Sófocles, Brecht, Fassbinder, Woody Allen, Roland Topor, Ben Hecht, Gogol, Tennessee Williams, Bernard Shaw, entre muitos outros dramaturgos.

ALMADA

Escola D. António da Costa • Átrio

4 a 18 Julho • das 18:00 às 24:00

25 de Abril: Os dias, as pessoas e os símbolos

Documentação: **José Pacheco Pereira** e **Carlos Simões Nuno**

Concepção plástica: **José Manuel Castanheira**

Esta exposição de documentos pertencentes ao Arquivo Ephemera é composta por quatro núcleos de objectos bastante diferentes entre si e com variadas origens. A mostra encontra-se organizada segundo quatro temas:

I – Os dias de Revolução: jornais, revistas e panfletos publicados e distribuídos no dia 25 de Abril e seguintes.

II – Os protagonistas: um conjunto de objectos representando alguns dos protagonistas do período revolucionário.

III – Os símbolos: objectos e fotografias com símbolos dos partidos políticos surgidos após a Revolução dos Cravos.

IV – A democratização da política: calendários e autocolantes referentes às eleições autárquicas, após a normalização da vida política.

Na manhã de 25 de Abril, houve um golpe de estado militar com sucesso. Antes de 1974, vários golpes de estado militares ocorreram em Portugal no século XX, mas apenas um com sucesso, em 28 de Maio de 1926. Deu origem à mais longa ditadura europeia, com excepção da URSS, durante mais tempo do que as suas congéneres alemãs, italianas e espanholas: 48 anos.

Depois de tantos anos de ditadura, a força de liberdade revolve tudo, também com os excessos inevitáveis, mas não podia ser de outra maneira. Só tem autoridade moral para denunciar os excessos quem combateu esse maior excesso quotidiano que durou 48 anos, mais do que uma geração de homens e mulheres que não pode ler, ver, ouvir o que queria, e muito menos dizer o que entendia, sem correr todos os riscos, da vida ao emprego, da prisão ao exílio, da tortura aos dentes dos cães da polícia.

O golpe de estado matinal de 25 de Abril tornou-se, ao meio do dia, numa revolução, quando muitos milhares de pessoas vieram para a rua, pagando com o seu sangue em frente à PIDE, o primeiro preço da revolução. Foram civis que morreram em 25 de Abril, não foram militares, porque a parte militar do dia já estava vitoriosa e porque o impulso dos acontecimentos era agora o de uma revolução. Os militares, que tinham feito o golpe que derrubara a ditadura, estavam agora acompanhados por uma maioria de portugueses que, nesses primeiros dias, vieram para a rua dando a maior legitimidade à acção dos “militares de Abril”, uma designação que não os diminui como militares, mas que lhes dá a parte decisiva que lhes cabe na revolução.

José Pacheco Pereira

ALMADA

Foyer e Galeria do Teatro Municipal Joaquim Benite
5 a 18 de Julho • Das 12:00 às 21:30

ALMADA FORUM[®]

Tudo para ser feliz.



Um espetáculo para toda a família.

An aerial photograph of a tropical coastline. The top of the image shows a white sandy beach with a few people and a small structure. Below the beach is a shallow turquoise lagoon with a sandy bottom and some coral reefs. The water transitions into a deeper blue as it meets the open ocean. The coastline is lined with dense, lush green vegetation, including palm trees and other tropical plants. The overall scene is vibrant and scenic.

informações

Assinaturas

Geral = 90€ · Clube de Amigos do TMJB* = 72€

*Com cartão válido até 18 de Julho de 2024 ou posterior.

A Assinatura do Festival dá acesso a todos os espectáculos, numa das sessões programadas. O título de Assinatura deverá ser trocado pelos respectivos bilhetes para cada sessão na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, a partir de 15 de Junho. As Assinaturas podem ser adquiridas na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, nas lojas FNAC e em ctmalmada.pt.

Bilhetes avulsos

Teatro Municipal Joaquim Benite (Sala Principal)	17,50€
Teatro Municipal Joaquim Benite (Sala Experimental)	13,00€
Palco Grande da Escola D. António da Costa	17,50€
Fórum Municipal Romeu Correia	13,00€
Cine-Teatro da Academia Almadense	13,00€
Incrível Almadense	13,00€
Centro Cultural de Belém	entre 24,00€ e 40,00€

Para informações sobre a compra de bilhetes avulsos contacte a bilheteira do TMJB, aberta ao público de 2 a 18 de Julho, entre as 13h30 e as 22h30. Na Escola D. António da Costa, Academia Almadense, e Incrível Almadense, as bilheteiras abrem 1h antes do espectáculo.

Contactos e moradas

Teatro Municipal Joaquim Benite · Av. Prof. Egas Moniz – Almada · Tel.: 212 739 360

Telm.: 91 743 31 20 · geral@ctalmada.pt

Escola D. António da Costa · Av. Prof. Egas Moniz – Almada

Fórum Municipal Romeu Correia · Praça da Liberdade – Almada · Tel.: 212 724 922

Cine-Teatro da Academia Almadense · Rua Capitão Leitão, n.º 64

Incrível Almadense (Salão de Festas) · R. Sociedade Filarmónica Incrível Almadense 8A

Salão das Carochas · Largo Conde Ferreira 11A – Almada · Tel.: 212 734 050

Museu de Almada - Casa da Cidade · Praça João Raimundo, Almada · Tel.: 212 734 030

Convento dos Capuchos · Rua Miradouro dos Capuchos, Caparica · Tel.: 212 919 342

Centro Cultural de Belém · Praça do Império – Lisboa · Tel.: 213 612 627

INTERNET

Site · www.ctalmada.pt

Facebook · www.facebook.com/festivaldealmada

Instagram · @festivaldealmada

41.º FESTIVAL de almada

Direcção artística

Rodrigo Francisco

Director financeiro

Carlos Galvão

Directora-adjunta

Teresa Gafeira

Director técnico

Guilherme Frazão

Director de produção

Paulo Mendes

Administração

Susana Fernandes

Secretária de direcção

Ana Patrícia Santos

Imagem do cartaz

Ilda David

Instalação de homenagem

José Manuel Castanheira

Logotipo do Festival de Almada

Pedro Proença

Comunicação e imprensa

Miguel Martins

Luiz Garcia (estagiário)

Edições

Bernardo Mariano

Design gráfico

Constança Penedo

Nicole Alves

Fotografia

Rui Carlos Mateus

Luana Santos

Acolhimento

Carina Verdasca

Pedro Walter

Bruno Realista

Diana Vaz

Filipe Carvalho

Nuno Fonseca

Marta Marques (estagiária)

Website

Jorge Freire

Contabilidade

Sofia Trindade

Traduções e legendagem

Inês Faria

Joana Cunha Matos

Rita Gonçalves

Equipa técnica

André Oliveira

João Farraia

Marcos Verdades

Paulo Horta

Recepções

Rodica Alexe

Teresa Gafeira

Bar

Isabel Galvão

Mariana Guerreiro

Bilheteira

Sofia Chora

Susana Fernandes

Restaurante

Alice Prazeres

Diana Antunes

Rosângela Vervloet

Banca do Festival de Almada

Mafalda Dores

Equipa de frentes de salas

Alice Neves

Anabela Pires

Daniela Carbone

Guilherme Marovas

Maria Bandeira

Mariana Alexandre

Marta Prieto

Sara Brandt

Sara Libório

Sara Nuncio



DIRECÇÃO: Rodrigo Francisco, Carlos Galvão e Teresa Gafeira
ASSEMBLEIA-GERAL: Maria Laita e Paulo Mendes
CONSELHO FISCAL: Guilherme Frazão e José Carlos Nascimento

CLUBE DE AMIGOS

Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes

Produções acolhidas: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes

Menu Clube de Amigos por 11,25€ e Menu Almoço por 8€ no Restaurante do Teatro

50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada

20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada

Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos

10% de desconto na Farmácia Louro em Almada

Mais do que ver, ajude a fazer.

O Clube de Amigos do TMJB, criado em 1988, é o núcleo de espectadores que apoiam as actividades do Teatro, beneficiando de várias condições especiais. Estamos certos de que podemos contar com o apoio de todos os que consideram a importância da arte e da cultura nas suas vidas.



O cartão anual do Clube de Amigos tem as seguintes modalidades:

Novo membro

Geral	50€
Grupo (10 espectadores)	250€
Benemérito	mínimo 100€

Renovação anual*

Geral	45€
Sénior	37,50€
Jovem	25€
Grupo	250€

*Até um mês após o limite da validade

Nota: O Cartão de Grupo não dá direito a desconto para acompanhantes nos espectáculos acolhidos, e a sua renovação anual tem de ser efectuada por todos os elementos. Por outro lado, nas produções da CTA este cartão dá desconto de 50% aos acompanhantes do titular, sem limite de espectadores.

TEATRO MUNICIPAL
JOAQUIM BENITE